



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO**

**WAGNER SILVA SANTOS**

**Tecnologias Digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina  
em Muricilândia - TO: transformações culturais – 2015 a 2022**

Araguaína - TO  
2024

**WAGNER SILVA SANTOS**

**Tecnologias Digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina  
em Muricilândia - TO: transformações culturais – 2015 a 2022**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Campus de Araguaína, para avaliação do Orientador e da Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Braz Batista Vas.

Araguaína – TO  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586t SILVA SANTOS, WAGNER .

Tecnologias Digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO: Transformações Culturais – 2015 a 2022 / WAGNER SILVA SANTOS. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

93 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Braz Batista Vaz.

1. Tecnologias digitais. 2. Educação . 3. Tradição; Quilombo Dona Juscelina..

**CDD 301.09**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**WAGNER SILVA SANTOS**

**Tecnologias Digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina  
em Muricilândia - TO: transformações culturais – 2015 a 2022**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) e à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – Campus de Araguaína, para avaliação do Orientador e da Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre.

Data de Avaliação: 22 / 01 / 2025.

Banca Examinadora:

**BRAZ BATISTA**  
**VAS:16186956814**

Assinado de forma digital por  
BRAZ BATISTA VAS:16186956814  
Dados: 2025.03.27 13:36:40  
-03'00'

---

**Prof. Dr. Braz Batista Vas – UFNT (Orientador)**

Documento assinado digitalmente

**gov.br** OLÍVIA MACEDO MIRANDA DE MEDEIROS  
Data: 27/03/2025 13:54:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profª. Drª Olívia Macedo Miranda de Medeiros – UFNT (Avaliadora Interna)**

Documento assinado digitalmente

**gov.br** DYANE BRITO REIS SANTOS  
Data: 29/03/2025 08:15:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profª. Drª. Dyane Brito Reis – UFRB (Avaliadora Externa)**

Documento assinado digitalmente

**gov.br** MANOEL FILHO BORGES  
Data: 27/03/2025 12:42:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Msc. Manoel Filho Borges – Líder Quilombola (Avaliador Convidado)**

Araguaína – TO  
2025

Dedico este trabalho à Dona Juscelina (*in  
memorian*).

## AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos a todos àqueles que confiaram, incentivaram, me deram apoio e contribuíram de alguma forma em minha caminhada durante o mestrado.

Em primeiro lugar agradeço a Deus e a Nossa Senhora das Graças, que nos momentos difíceis, de desânimo, doença e no cansaço, me deram forças para continuar persistindo e não permitir que desanimasse.

À minha família, minha esposa Anne Stéphanie Severino de Mendonça Santos, que mais do que ninguém sonha comigo e os desafios e conquistas são compartilhadas com companheirismo e amor. Aos meus pais, Rosa Dália Silva Santos e Pedro Ferreira dos Santos, que sonharam em concluir seus estudos e que boa parte dos seus sonhos eu estou realizando. Aos meus irmãos Wesley Silva Santos, Wilker José Silva Santos, Wlisses Silva Santos, gratidão pelo companheirismo, apoio e incentivo nesse processo. Ao meu filho Davi de Mendonça Santos, que muitas vezes sem entender e querendo atenção colaborava para que eu pudesse escrever.

Agradecer (*in memorian*) a Domingos Cardial da Silva, meu avô, que com sua sabedoria e seu jeito ajudou a me educar pelo exemplo, homem de poucas palavras, mas, com um olhar firme e afetuoso me ensinou os valores da vida.

Obrigado por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui e, principalmente pelo amor imenso que vocês têm por mim, a vocês, minha família, mais uma vez obrigado.

Quero também agradecer aos colegas que me auxiliaram a tornaram possível a concretização deste sonho, Leidiane Privino, Izarete Oliveira, Katiane Santos, Eli Duarte, Laudinha, que muitas vezes me ajudaram e me orientaram neste árduo percurso acadêmico.

Aos meus colegas de estudos pelas trocas de informações e grande demonstração de amizade. Aos quilombolas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, especialmente à matriarca (*in memorian*) Dona Juscelina Gomes dos Santos, que sempre me acolhia com um lindo sorriso, principalmente quando a chamava de “minha gatinha” e que sempre me incentivou a continuar a estudar e que não esquecesse de devolver para a comunidade tudo que aprender com os estudos.

Após sua morte esteve presente em meus pensamentos sempre. Uma mulher simples, de uma sabedoria imensurável. Deixou um legado de luta, de quem não hesitou em enfrentar, com serenidade e fé, os desafios da vida. Tive a honra, não só de conhecê-la, mas de contar com o seu carinho e amizade. Que a sua trajetória de vida seja um incentivo a continuar lutando por um mundo de oportunidades para todos. A Dona Juscelina, gratidão eterna por partilhar tamanha sabedoria.

A toda Comunidade de Muricilândia, cidade na qual nasci e moro, aos meus interlocutores, a todos que sempre desejavam sorte no meu projeto.

Um agradecimento especial aos Griôs e aos jovens quilombolas do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, que de prontidão se dispuseram a participar das entrevistas.

Aos colegas de trabalho, pelo companheirismo e acolhimento, que sempre entenderam as vezes que eu precisei me ausentar do trabalho, as pessoas que direto ou indiretamente ajudaram na construção desse sonho.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Cultura e Território (PPGCULT) pelo carinho, ao meu Orientador Prof. Dr. Braz Batista Vas que acreditou nesta pesquisa desde o início. Aos professores e professoras da banca examinadora.

## RESUMO

Nesta dissertação analisamos a relação entre as tecnologias digitais e as tradições ancestrais africanas na Comunidade Dona Juscelina. Os objetivos desta pesquisa são. Analisar o impacto das Tecnologias Digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia - TO, no período de 2015 a 2022, investigando as transformações culturais resultantes da incorporação dessas tecnologias no cotidiano, nas práticas sociais, na educação e na preservação da identidade quilombola. Nesta pesquisa foi utilizada como metodologia de pesquisa a história oral, a partir de questionários semiestruturados, foram entrevistados membros do Conselho de Griôs da comunidade bem como alunos da Escola Marechal Costa e Silva. Neste produto final trata sobre as relações entre as tecnologias digitais e a tradição quilombola e as relações intergeracionais entre a juventude quilombola e os idosos da comunidade. Partimos da hipótese de que as tecnologias digitais não anulam a tradição e vice e versa, tendo em vista que durante a pandemia de Covid-19 (2020-2021) as tecnologias digitais de informação e comunicação foram relevantes para a divulgação das práticas e dos saberes da comunidade, através de lives com a participação de Dona Juscelina dentre outros eventos. Acreditamos que o Colégio Estadual Marechal Costa e Silva possa ser um ponto estratégico para realização desta análise, por atuarmos com a nova geração e perceber como eles lidam com as tecnologias digitais sem abandonar a tradição da comunidade. Segundo Luvizotto (2010), a tradição não pode estar engessada, deve ter flexibilidade e dinamismo que oriente o passado, organizando a perspectiva de futuro. Neste sentido este trabalho foca na relação entre tradição e a modernidade tecnológica digital na comunidade Quilombola Dona Juscelina, em especial, na relação do Conselho de Griôs, com a finalidade de manter vivos os saberes tradicionais, e as práticas ancestrais, com os jovens, neste sentido observamos como este conselho absorveu e significou/ressignificou as tecnologias digitais, de modo a refletir sobre os desafios e as possibilidades de conexão entre tecnologias digitais de informação - TDIC's e as tradições quilombolas na relação entre o Colégio Estadual Marechal Costa e Silva e a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, e verificou-se até que ponto afetam a tradição da comunidade durante e após a pandemia do Covid. 19.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais; Educação; Tradição; Quilombo Dona Juscelina.

## ABSTRACT

In this dissertation we analyze the relationship between digital technologies and ancestral African traditions in the Dona Juscelina Community. The objectives of this research are: To analyze the impact of Digital Technologies on the Dona Juscelina Quilombola Community, in Muricilândia-TO, from 2015 to 2022, investigating the cultural transformations resulting from the incorporation of these technologies into daily life, social practices, education and the preservation of the quilombola identity. In this research, oral history was used as the research methodology, based on semi-structured questionnaires; members of the Griot Council of the community were interviewed, as well as students from the Marechal Costa e Silva School. This final product deals with the relationships between digital technologies and the quilombola tradition and the intergenerational relationships between the quilombola youth and the community's elderly. We start from the hypothesis that digital technologies do not nullify tradition and vice versa, considering that during the Covid-19 pandemic (2020-2021) digital information and communication technologies were relevant for the dissemination of community practices and knowledge, through live broadcasts with the participation of Dona Juscelina, among other events. We believe that Colégio Estadual Marechal Costa e Silva can be a strategic point for carrying out this analysis, as we work with the new generation and see how they deal with digital technologies without abandoning the community's tradition. According to Luvizotto (2010), tradition cannot be rigid; it must have flexibility and dynamism that guides the past, organizing the perspective of the future. In this sense, this work focuses on the relationship between tradition and digital technological modernity in the Dona Juscelina Quilombola community, especially in the relationship of the Griot Council, with the purpose of keeping traditional knowledge and ancestral practices alive with young people. In this sense, we observe how this council absorbed and signified/resignified digital technologies, in order to reflect on the challenges and possibilities of connection between digital information technologies-TDICs and quilombola traditions in the relationship between the Marechal Costa e Silva State School and the Dona Juscelina Quilombola Community, and it was verified to what extent they affect the community's tradition during and after the Covid-19 pandemic.

**Keywords:** Digital technologies; Education; Tradition; Quilombo Dona Juscelina.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os pioneiros de Muricilândia (TO).....	33
Figura 2 - Mapa Físico e Geográfico de Muricilândia -TO .....	34
Figura 3 - Arvore de Murici .....	35
Figura 4 - Dona Juscelina nas margens do Rio Muricizal .....	36
Figura 5 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 1 .....	43
Figura 6 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 2 .....	44
Figura 7 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 2 .....	45
Figura 8 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 3 .....	46
Figura 9 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 4 .....	47
Figura 10 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 5 .....	48
Figura 11 - Alunos da escola Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína com as mulheres e crianças que representam o grupo “Negra Mariana”.....	49
Figura 12 - A jovem Ludimila com o Presidente da Associação Quilombola Dona Juscelina, Manoel Filho, participando de um documentário.....	51
Figura 13 - Alvorada às 4 horas da manhã, pelas ruas de Muricilândia.....	52
Figura 14 - Jovens atores e atrizes quilombolas que participam do Teatro da Abolição .....	55
Figura 15 - Escravo fugitivo sendo levado ao tronco.....	56
Figura 16 - A representação da Princesa Isabel .....	57
Figura 17 - A libertação dos escravos e início do cortejo .....	58
Figura 18 - As Negras Mariamas, dançando no festejo da Abolição.....	59
Figura 19 - As homenageadas da festa Dona Juscelina e Dona Cícera .....	60
Figura 20 - Visitantes filmando todo o cortejo, pelas principais ruas da cidade .....	61
Figura 21 - Durante o teatro da abolição um registro da foto da foto .....	61
Figura 22 - Carro de som e cinegrafista fazendo a cobertura do evento com uso de drones65	
Figura 23 - Visitantes fazendo a cobertura do nosso evento66	
Figura 24 - Cinegrafista de um canal de TV em cobertura do evento .....	63
Figura 25 - Alunos do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva lendo a divulgação do filme Pureza .....	64
Figura 26 - Divulgação do 49º festejo da abolição no grupo de WhatsApp do Quilombo Dona Juscelina.....	65
Figura 27 - Divulgação do 49º festejo da abolição no grupo de WhatsApp do Quilombo Dona Juscelina.....	66
Figura 28 - Cortejo da Abolição mostrado de cima, por drones e postado no Instagram oficial da Prefeitura Municipal de Muricilândia.....	67
Figura 29 - Drone filmando de perto a faixa de divulgação do evento .....	68
Figura 30 Griô Lena	70
Figura 31 Conselhos de Griô nova formação	76
Figura 32 Seu Dada Griô do Rio	79
Figura 33 Professora e Griô Rosa Mirtes	80
Figura 34 Seu Dusanto Griô	82

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Lista de pessoas que participaram da pesquisa25

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Autobiografia</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2 Apresentação</b> .....	<b>16</b>
<b>1.3 Procedimentos metodológicos</b> .....	<b>23</b>
<b>2. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE DONA JUSCELINA</b> .....	<b>26</b>
<b>2.1 Tecnologias sociais</b> .....	<b>26</b>
<b>2.2 Conceitos de Tradição</b> .....	<b>27</b>
<b>2.3 Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação</b> .....	<b>29</b>
<b>3. INTERSECÇÕES ENTRE A FORMAÇÃO DE MURICILÂNDIA (TO) E A CHEGADA DE DONA JUSCELINA – A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO</b> .....	<b>33</b>
<b>3.2 Conhecendo território político administrativo de Muricilândia (TO)</b> .....	<b>33</b>
<b>3.3 A Chegada dos pioneiros e pioneiras às margens do rio Muricizal</b> .....	<b>34</b>
<b>3.4 Ano de 1960, Chegada da Família de Dona Juscelina em Muricilândia.</b> .....	<b>38</b>
<b>3.5 Trajetória socioespacial de Dona Juscelina</b> .....	<b>40</b>
<b>3.6 O QUE É QUILOMBO</b> .....	<b>42</b>
<b>4. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE JOVENS E OS GRIÔS</b> .....	<b>45</b>
<b>4.1 Breve histórico sobre a Pandemia e a Comunidade</b> .....	<b>52</b>
<b>4.2 Narrativas da Festa do 13 de maio</b> .....	<b>54</b>
<b>4.3 ORIGEM DOS GRIÔS E SUA IMPORTÂNCIA PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA</b> .....	<b>73</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>92</b>

<b>6. ANEXOS .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO C .....</b>	<b>102</b>
<b>7. APÊNDICE .....</b>	<b>105</b>

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Autobiografia**

Sou Wagner Silva Santos, nascido aos 19 de outubro de 1980, filho de Rosa Dália Silva Santos e Pedro Ferreira dos Santos, uma família nuclear (formado por pai, mãe e filhos onde o pai é o provedor da casa) criado dentro dos princípios e da doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, nascido em Medicilândia, porém, registrado em Araguaína como o local de nascimento. Desde a infância além de vivenciar a fé católica sempre fui estimulado a valorizar os estudos, toda a alfabetização e os primeiros anos foram feitos aqui mesmo, em Muricilândia, na escola Estadual Marechal Costa e Silva, onde minha mãe foi professora, vice-diretora e diretora da Unidade de Escolar. Com esta vivência dentro da escola, acabei por ter e criar gosto para estudar e com o passar dos anos juntei o desejo por estudar e ter uma experiência religiosa. Senti-me chamado a vocação sacerdotal, com isso, no ano de 1994, aos 14 anos fui fazer a experiência de uma semana no Seminário Diocesano Leão XIII, em Tocantinópolis. Após essa semana de experiência fui aprovado e no ano seguinte, 1995, entrei efetivamente no seminário para dar início a caminhada na vida sacerdotal, e cursar o Ensino Médio no Colégio Dom Orione, também em Tocantinópolis, uma grande experiência e período de grandes aprendizados.

Ao longo de 1995 e após grandes experiências e grandes expectativas, porém, com muitas dificuldades para um adolescente de 15 anos e após algumas frustrações, decidi por retornar a casa dos meus pais. Permaneci, no ano de 1996, em Muricilândia, iniciando assim o ensino médio. Em 1997 fui convidado a retornar ao seminário, porém na Congregação da Pequena Obra da Divina Providência dos padres orionitas em Araguaína, onde fui acolhido e muito bem recebido para essa nova experiência vocacional, lá permanecendo pelos 2 anos seguintes, dando continuidade ao Ensino Médio no Colégio Santa Cruz, após o qual retorno a Muricilândia, em 1999. Neste mesmo ano surgiu, como oportunidade, um concurso público, com uma vaga, de agente comunitário de saúde para Zona Rural, em Santa Fé do Araguaia, cidade vizinha. Fiz esse concurso e fui aprovado. Passei o restante

do ano, na zona rural, no Assentamento PA Dalila, uma fazenda recém adquirida pelo Incra. No final de 1999, fui convidado a continuar meu processo vocacional. Em 2000 abri mão do meu concurso e fui para Ananindeua, região metropolitana de Belém do Pará, para fazer o Postulantado<sup>1</sup>, uma experiência de primeira vez de saída do estado para morar sozinho. No ano seguinte, prosseguindo na vida religiosa, fui para o Noviciado<sup>2</sup> em Brasília – DF. Em 2001 após receber os primeiros votos de “Pobreza, Castidade e Obediência”, fui encaminhado para Ananindeua, para dar início à faculdade de Filosofia, ficando lá por quatro meses, período no qual os formadores responsáveis por toda administração, decidiram que não iríamos estudar lá, e, com essa mudança, fui encaminhado para uma nova experiência em uma paróquia na cidade de Ouro Branco, no estado de Minas Gerais. Lá permaneci um ano, vivendo essa experiência no interior de Minas, de uma religiosidade efetiva com pessoas que vivenciam com muita esperança e grandiosidade sua fé. Após esse ano fui designado a ir para Rio Bananal, uma pequena cidade no interior do Espírito Santo, próximo à região metropolitana de Vitória, e lá permaneci em 2003. Após dois anos (tirocínio) tanto em Minas como no Espírito Santo, fui designado a iniciar o período de estudos da Faculdade de Filosofia e para isso fui enviado ao Ceará, para a cidade de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza e lá, de fato, iniciei aos estudos de Filosofia, onde fiz vestibular no ITEP – Instituto Teológico e Pastoral do Ceará, permanecendo os 3 anos seguintes cursando Filosofia, entre 2004 e 2006. No início de 2007, após 11 anos de caminhada e muita reflexão, decidi renunciar à Vida Religiosa e tocar a minha vida particular. Pode parecer que foi algo simples, mas, não foi. Foi uma reflexão de muito tempo até chegar à decisão de largar tudo e tomar outro rumo na minha vida, tal decisão implicou em diversas outras situações, iria ter que depender somente de mim mesmo, toda a segurança e dependência financeira que tinha iria acabar e a partir daquele momento estaria sozinho e por estar habituado a Fortaleza, decidi não retornar para o Tocantins, daí em diante foquei na minha vida profissional e de estudos. Nesse período vivenciei outras experiências, como o

---

1 Postulantado: É o período de um ano que o candidato à vida religiosa faz de preparação antes de ingressar no Noviciado

2 Noviciado: É o período da formação de um religioso ou de uma religiosa que precede a emissão de seus votos. O termo designa também o prédio e a comunidade onde se realiza este período.

primeiro emprego formal, no setor contábil, em um escritório de contabilidade. Aproveitei para adquirir novos conhecimentos, me tornando Técnico em Contabilidade, depois fui convidado a lecionar em uma escola particular, dando início a minha vida como professor. Neste Colégio começo a trabalhar com as disciplinas de Relações Humanas, Primeira Eucaristia e Crisma, e com o passar do tempo fui progredindo e mudando de funções dentro da empresa, até chegar à função de Coordenação de Setor de Educação Religiosa e nesta mesma empresa fiquei por 10 anos. Nesse intervalo foi me especializar, fazendo Pós-graduação em Educação Infantil (especialização), e decidi iniciar minha vida matrimonial, casei-me, tenho um filho. Em 2016 recebi uma proposta de trabalho e o convite de retornar ao Tocantins. Aceitei o convite e comecei minha vida profissional como servidor público da Educação, primeira função na Coordenação Pedagógica, do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, e no ano seguinte fui para a função de Orientador Educacional. Com essas novas funções, fiz outra Pós-graduação (especialização), agora, em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional, aproveitei também e fiz mais uma graduação, em Pedagogia. Neste intervalo de tempo fui convidado a assumir a Secretaria Municipal de Educação de Muricilândia, outro desafio com grandes aprendizados. Após dois anos e meio, peço para sair por motivos particulares e retorno como servidor contratado do Estado, na função de Coordenador Financeiro, que exerço até o momento.

Em meio a tantas andanças sempre mantive vivo o desejo de fazer um mestrado e no retorno ao Tocantins comecei a colocar em prática esse objetivo. Conheci os programas da UFT/UFNT, como PPGCULT, PPGDIRE e demais programas da casa, onde consegui ingressar como aluno especial pelo PPGDIRE, cursando três disciplinas. Posteriormente, com muita luta, consegui ingressar no PPGCULT como aluno especial e depois como aluno regular. Nesse curto período de retorno a Muricilândia me engajei um pouco mais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, da qual faço parte. Após esse período de aproximação com a Comunidade Quilombola passei a ser mais presente no dia a dia da comunidade, conversando com Dona Juscelina, vivenciando e vendo a sua luta incansável para colocar em prática seus sonhos e projetos. Vendo a luta de Dona Juscelina e querendo seguir seus ensinamentos e sua incansável luta, decidi abordar essa temática, pois mesmo antes da pandemia eu já sonhava em trabalhar essa questão

tecnológica, porque era algo que sempre me inquietou, ao ver a tecnologia em tudo que fazemos diariamente, pensava comigo, como os Griôs poderiam transmitir seus conhecimentos tendo a tecnologia como aliada.

Com a chegada da pandemia do COVID-19 o trabalho acabou “caindo como uma luva” dentro do programa PPGCULT e estamos aqui, produzindo, da melhor maneira possível.

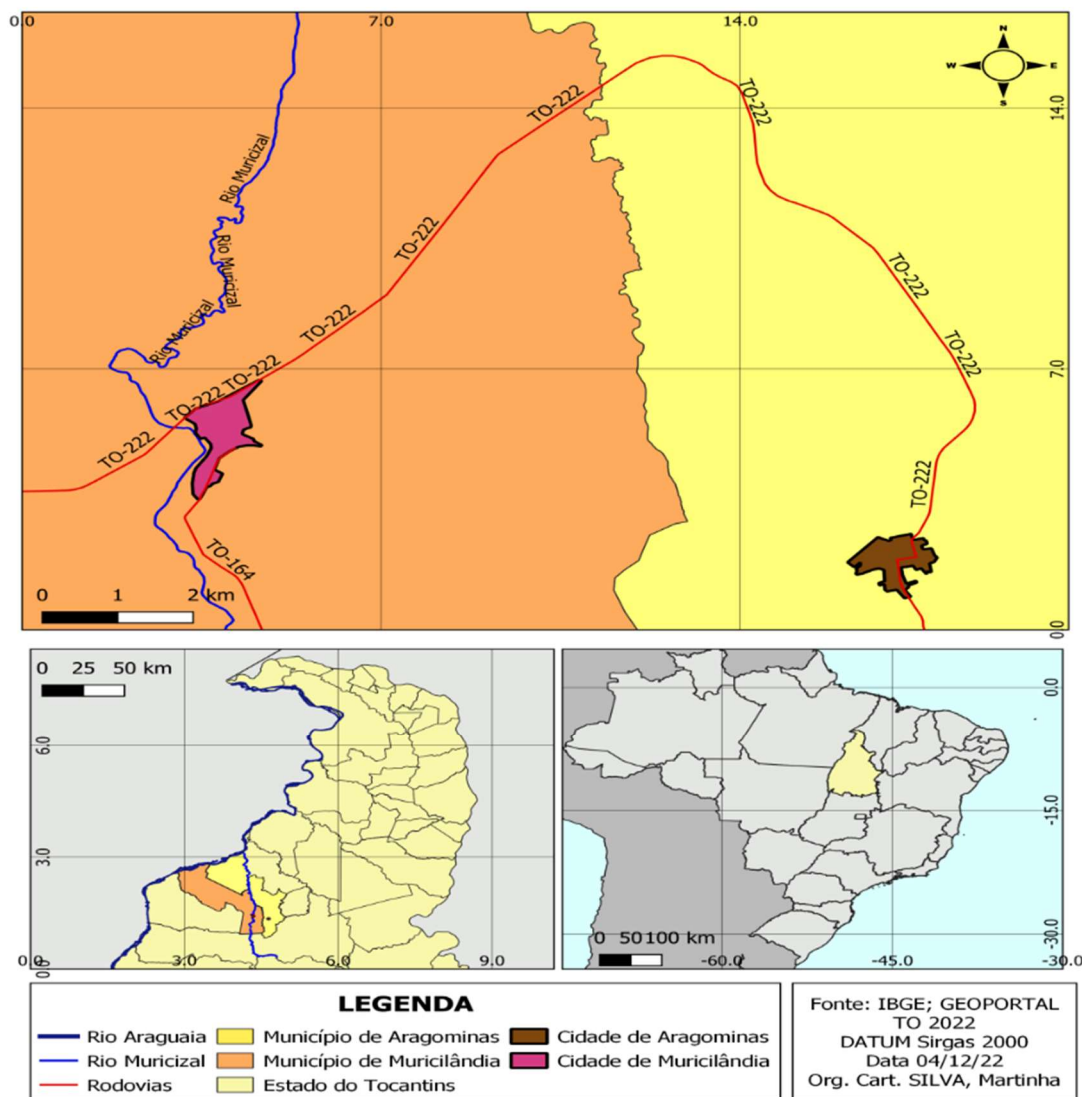
## **1.2 Apresentação**

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina está localizada no perímetro urbano do município de Muricilândia, no norte do estado do Tocantins. Esta comunidade tem fornecido subsídios para várias pesquisas desenvolvidas a partir da Universidade Federal do Tocantins - UFT e Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, tanto das graduações quanto dos programas de pós-graduação. O diferencial desta pesquisa é o contexto em que será realizada, que levará em conta o decorrer e o período de redução dos efeitos da pandemia de Covid-19, bem como apresenta como proposta um tema pouco explorado quanto a esta comunidade.

A comunidade quilombola Dona Juscelina fica localizada na cidade de Muricilândia, uma pequena cidade no norte do estado do Tocantins, com aproximadamente 3,5 mil habitantes. Certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2010. Este município limita-se com município de Aragominas. No mapa a seguir pode-se observar a localização do município dentro do estado do Tocantins.

No mapa pode-se observar a proximidade entre os municípios de Muricilândia (TO) e Aragominas (Pé do Morro) (TO) (Figura 02).

**Figura 1 - Mapa Físico e Geográfico de Muricilândia -TO**



Fonte: Silva Martinha, 2022.

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina se auto reconhece como quilombola e recebeu a certificação de autodefinição como remanescente de quilombo pela Fundação Palmares através da Portaria nº 51, de 24 de março de 2010 (Santos, 2018). Conhecida pela tradição de 49 anos do festejo denominado de “Festa da Abolição”, que em 2024 celebrou pela 49ª vez a libertação da escravatura, reproduz anualmente cortejos, rituais, festas e atividades lideradas pela matriarca Dona Lucelina Gomes, conhecida socialmente como dona Juscelina, e, além desta festa, durante vários anos foi comemorado ainda a festa do Divino

Espírito Santo e Folia de Reis. É importante ressaltar que em 2022, pela primeira vez, foi celebrado o festejo com a ausência da matriarca, em decorrência de seu falecimento em julho de 2021.

Este estudo objetiva analisar as aproximações e distanciamentos da conexão entre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's e as tradições quilombolas no Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, partindo dos quatro pilares da educação baseados no relatório da UNESCO (1996) para educação, e verificar até que ponto as tecnologias digitais afetaram as tradições da comunidade, em especial com o período pandêmico.

Nossa hipótese é que as novas tecnologias digitais de comunicação não interferem na tradição e nem tão pouco vem contra ela, antes, pelo contrário, apresenta-se como importante mecanismo de difusão e preservação da tradição da comunidade, tendo em vista que possibilita maior visibilidade através das plataformas digitais, dos debates e da evidência nas vozes da comunidade.

A relevância deste estudo se dá pela análise das transformações provocadas pela ampliação da interação com as tecnologias digitais de comunicação e informação e sua relação com os saberes tradicionais dessa comunidade. Acreditamos que há possibilidade de utilizar os mecanismos e ferramentas viabilizadas pelas tecnologias digitais, para garantir a preservação e permanência dos saberes tradicionais, e um espaço de debate e valorização do povo quilombola junto a sociedade brasileira.

As tecnologias digitais de informação e comunicação são instrumentos que viabilizam ações e processos de informações e comunicação, de um para muitos ou de muitos para muitos. Como relata Ângelo e Silva (2018):

As tecnologias são artefatos que viabilizam ações, serviços, produtos, processos que ampliam as possibilidades de comunicação de um para um, um para muitos e de muitos para muitos, produz textos em diferentes tempos e lugares, registra, compila dados com precisão e velocidade, localiza lugares através do georreferenciamento, capta e trata imagens, produz inteligências individuais e coletivas. (ANGELO E SILVA, 2018, p. 03).

Diante dos relatos acima entendemos que há um diálogo entre estas tecnologias e a tradição na educação escolar na Comunidade Dona Juscelina. Esta

pesquisa contempla os princípios preconizados pela linha 1, “Natureza, Poder e Territorialidades”, do PPGCULT, a partir dos modos de viver dos povos tradicionais, suas manifestações simbólicas e suas transformações socioculturais ao longo do tempo, na medida em que busca compreender como a Comunidade Quilombola Dona Juscelina constitui sua territorialidade a partir de suas tradições e recentes relações com o digital. A modernidade das tecnologias digitais não deve ser antônima em relação a preservação da memória, da transmissão de saberes ancestrais e da tradição. Na perspectiva de Gerd Bornheim (1987), o termo tradição tem origem grega, vem da raiz “tradire” e tem como significado trazer algo ou passar de uma geração para outra, seja pela oralidade, música cantada ou tocada, e é uma forma de transportar valores e saberes que se estabelece nas novas gerações.

Segundo Luvizotto (2010), a tradição é um conjunto de símbolos que são transmitidos de gerações a gerações não de forma estática, mas dinâmica, com a finalidade de manter estes códigos entre o passado e futuro. A tradição permanece na comunidade de forma intrínseca, que não pode ser separada e que influencia o presente e o futuro, em sintonia com as transformações socioculturais do Quilombo Dona Juscelina, em sua história de constituição e de luta ao longo do tempo, seus desafios frente ao racismo estrutural do nosso país, revelam territorialidades e conhecimentos importantíssimos.

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) estão presentes no cotidiano da educação na atualidade, pois devido aos avanços tecnológicos digitais, as crianças conseguem, por exemplo, interagir facilmente com aparelho celular (smartphones). Durante a pesquisa buscamos analisar como os alunos quilombolas da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, de Muricilândia, lidam com recursos tecnológicos como *smartphones*, *notebooks*, *chromebooks*, internet e outros meios de interação/comunicação digital, frente ao desafio de manutenção e preservação das tradições quilombolas da Comunidade Dona Juscelina. Nesse sentido, na medida em que o processo de transformação tecnológica se expande exponencialmente em razão de sua capacidade de criar interfaces entre campos tecnológicos, com linguagens digitais em comum (Castells, 2000), pensamos na conexão entre tradição e tecnologia digitais. Neste sentido investigamos as consequências das tecnologias digitais provocadas na comunidade durante e na redução da pandemia do Covid 19.

Pesquisamos junto aos alunos quilombolas da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva de Muricilândia - TO, seguindo os conceitos fundamentais da UNESCO, indicados como quatros pilares da educação – 1. Aprender a conhecer, 2. Aprender a fazer, 3. Aprender a conviver e 4. Aprender a ser (UNESCO, 1996) – que objetivam relacionar as TDIC's com as tradições quilombolas no contexto escolar da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. Nesse diálogo, territorialidades são construídas e compartilhadas na escola e na comunidade.

O conceito de território e territorialidade levantados aqui são os colocados por Saquet (2013), qual seja: a forma como se vive, a subjetividade dos seus habitantes, suas visões, como são resolvidos os conflitos, as homogeneidades e heterogeneidades da sua cultura e valores morais, religiões, abrangendo as representações que formam a identidade do seu povo, levando em consideração o patrimônio material e imaterial, como também as suas terras.

Consideramos o território da Comunidade Dona Juscelina, como um território legitimado pela ancestralidade, pela tradição e identidade coletiva de um povo que divide a mesma luta e estão sempre compartilhando e produzindo conhecimentos e práticas. Neste sentido, acreditamos ser relevante refletir sobre as permanências e transformações ocasionadas pelas tecnologias digitais, sobretudo nas tecnologias digitais de informação e comunicação.

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina, de acordo com Izarete Oliveira (2018), devido a expulsão forçada de seu território ancestral, tem suas terras atuais na área urbanizada de Muricilândia - TO, porém, vive práticas sociais com resquícios de modo de vida rural. Assim, dizemos que a comunidade não é, mas está urbana. Diante dessa realidade, com o passar dos anos, confunde-se a formação de Muricilândia com a da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Atualmente, é motivo de orgulho para o município a existência de um Quilombo na cidade. Contudo, no contexto escolar da Comunidade, as escolas municipais e estaduais ainda são espaços dedicados a cultura negra e quilombola ocasionalmente durante o ano letivo. Sabemos que, com a implementação da Lei 10.639, de 2003, se torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas privadas e públicas de todo o Brasil. Assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, instituída

pela Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012, que instituiu normas específicas para uma educação diferenciada para escolas que estão dentro de um território quilombola e que recebem estudantes oriundos deste.

Enquanto um direito que vem sendo negada a população negra no Brasil desde o processo de escravização a qual esse povo foi submetido, a educação diferenciada ainda é uma aspiração coletiva das Comunidades. Nesse sentido, o interesse nessa proposta se justifica na emergência de um olhar para a educação e nas possibilidades de mudança frente os desafios postos na conexão entre educação formal e tradição quilombola.

Acreditamos na necessidade de a Educação oferecer elementos para que os educandos se desenvolvam nas quatro áreas proposta pela UNESCO, pois prosseguirão no seu desenvolvimento pessoal para aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e a viver juntos. Estarão, também, buscando na educação elementos que lhes permitam trabalhar em conjunto com outros indivíduos para o crescimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Entendemos que no conhecimento transmitido através da oralidade e na relação intergeracional entre o conselho de Griôs e os jovens da comunidade, estes pilares já existiam mesmo antes da UNESCO os apresentar como pilares da educação. Através da prática, os Griôs ensinam os jovens a conviverem em comunidade, ensinam a se conhecer, tendo em vista que quando você conhece sua história você também se identifica, e aprende a se conhecer, ensina ainda a ética e as técnicas. Entendemos que os quatros pilares da educação já se encontram presentes nas práticas dos Griôs.

Os quatros pilares da educação devem estar presentes na política de melhoria da qualidade da educação brasileira, pois abrangem o ser em sua totalidade, do cognitivo ao ético, do estético ao técnico, do imediato ao transcendente. Compreende-se que a concepção da totalidade do indivíduo é o que integra a moderna concepção de qualidade e educação. No entanto é imprescindível que o(a) estudante conheça sua história e a de seu povo para aprender a conhecer, fazer, ser e viver. É necessário que ele(a) possa conhecer sua história, cultura, a luta de seu povo e a sua raiz histórica. E seguindo esse caminho de conhecimento aprende-se a viver em sociedade, a lidar com a diferença inscrita em você e o no outro, vivendo de forma harmoniosa com seu povo, evitando

conflitos, lutando contra todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Com as aulas remotas, face as necessidades impostas pela pandemia, as ferramentas digitais passaram a ser imprescindíveis nas escolas, no processo de ensino. O que nos leva a questionar até que ponto estas tecnologias digitais foram benéficas e quais as consequências, aproximações e distanciamentos delas na manutenção da tradição na Comunidade Dona Juscelina? Na comunidade, qual a utilidade destas tecnologias em defesa da tradição e dos direitos quilombolas? Como os (as) jovens e os (as) velhos (as) estão interagindo com as tecnologias digitais? Tradição e tecnologias são autônomas?

Por isso, tais questões direcionam nossa proposta, considerando o interesse por uma pesquisa com jovens quilombolas, que envolve questões para além da escola. É compreender que estão inseridos(as) em uma realidade mais ampla, que estão em um território de lutas e impasses, tanto institucionais, como estruturais e territoriais cotidianos.

Além disso, pensar em usar recursos, como as tecnologias digitais, para assegurar a continuidade das tradições faz parte de um propósito de valorização da história de um povo com uma ancestralidade compartilhada, em que suas práticas, suas identidades e seus conhecimentos são compartilhados na tradição.

Sobre o conceito de tradição utilizaremos a perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1997), que entende a tradição como algo inventado. Segundo estes autores, invocar a tradição tem a intenção de evocar o passado através da repetição, muitas vezes na forma de ritual ou de regras. Há ainda a intenção de inculcar valores e normas de comportamento. Neste sentido pode-se observar que a Comunidade Quilombola Dona Juscelina preserva a tradição compartilhada na oralidade, com a intenção de manter práticas, comportamentos e valores dos ancestrais. Ainda foi necessário conhecer sobre o conceito de território e territorialidade para aprofundarmos o trabalho. A territorialidade, na antropologia, parte de uma abordagem que entende a conduta territorial como parte indivisível de todos os grupos humanos, ou seja, a territorialidade é elemento que compõe os grupos humanos (Little, 2004).

Na comunidade, tradição são todos os costumes e práticas compartilhadas entre seus membros que são repassadas desde seus ancestrais e que em sua maioria são transmitidas para os jovens por meio do Conselho de Griôs.

Haesbaert (2004), define o território a partir da multiterritorialidade, ao menos em duas conotações, a material, e a simbólica, que envolve espaço e as transformações realizadas pelos humanos através da história cultural, dos mitos e lendas. Ainda, na conotação simbólica, pode-se levar em consideração a identidade e a afetividade pelo espaço em que se viveu/vive.

Segundo Haesbaert (2004), é necessário ainda levar em consideração a territorialidade e neste sentido ele destaca que é uma dimensão política, mas com relações econômicas e culturais, pensando ainda como este espaço está organizado.

Este trabalho está estruturado na seguinte proposta: No capítulo 1 Introdução e procedimentos metodológicos; o capítulo 2 traz o debate sobre como são transmitidas as tradições quilombolas frente as tecnologias digitais de informações e comunicação, com destaque ao para ampliação do processo de digitalização estimulado pela pandemia de Covid-19; No capítulo 3 narramos as entrevistas estruturadas com os dez aluno(as) quilombolas da 3ª série do ensino médio do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, e também com seis membros do conselho de Griôs para compreender como está a relação entre tecnologias digitais e tradição transmitida pelos Griôs, em um diálogo entre tradição e tecnologias digitais; o 4º capítulo apresenta as transformações causadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação na Comunidade Dona Juscelina durante e depois da pandemia do Covid 19. E por último, as considerações finais.

### **1.3 Procedimentos metodológicos**

Os procedimentos metodológicos da pesquisa apresentam uma abordagem qualitativa. Conforme Cristiano Prodanov (2013), a pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, ela é descritiva e o ambiente é a fonte direta para coleta de dados, leva em consideração, crenças, valores, cultura e sociedade. Na busca de atingir os objetivos, realizamos levantamento bibliográfico para entender conceitos e categorias importantes, analisaremos também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2013); o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola, e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, dentre outros

documentos que se fizerem necessários, enquanto análise documental. Na sequência, os (as) interlocutores serão 10 (dez) alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva e 06 (seis) Griôs, do conselho de Griôs da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Para compreender mais de perto a realidade, a pesquisa de campo foi desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com alunos e os Griôs para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (Gil, 2002). Nesse sentido, os dados serão colhidos através de observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Com a observação participante busca-se compreender as vivências na realidade cotidiana, as experiências da Comunidade com as TDIC's, e os desafios de lidar com as tradições frente às tecnologias digitais enquanto importante dimensão do mundo em 2023. As entrevistas foram realizadas conforme a disponibilidade dos(as) interlocutores, buscando proteção sobre os riscos, de forma a não gerar constrangimento.

Por trabalhar com seres humanos na produção de fontes e informações, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil. Também por se tratar de participantes menores de idade, seguiremos todos os trâmites de autorização dos pais e responsáveis.

No quadro 1, a seguir, observa-se o nome das pessoas que foram entrevistadas:

Quadro 1 - Lista de pessoas que participaram da pesquisa

<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>	<b>Idade</b>
<b>Manoel Filho Borges</b>	Presidente AQDJ	50 anos
<b>Manoel Pereira Borges (seu d. Santos)</b>	Griô	80 Anos
<b>Maria Bartolomeu Novais Alencar</b>	Griô	70 Anos
<b>Rosa Dália Silva Santos</b>	Griô	71 Anos
<b>Conceição Viana da Silva (Seu Dadá)</b>	Griô	76 Anos
<b>Paulo Pereira de Souza</b>	Lider Comunitário	52 Anos
<b>Kelvin Ricardo Gomes Lima</b>	Estudante	18 Anos
<b>Sophia Aparecida L. Vieira Borges</b>	Estudante	16 Anos
<b>Rithyellen do Nascimento Ferreira</b>	Estudante	17 Anos
<b>Sthefanny Ferreira Barbosa</b>	Estudante	18 Anos
<b>Akson Maylon Fernande L. Silva</b>	Estudante	17 anos

Fonte: Dados do pesquisador, 2023.

As entrevistas aconteceram de uma forma muito agradável, todos os participantes, foram muitos gentis e deram suas colaborações acerca do trabalho, foi realmente uma troca de experiências, ouvir as histórias de cada um e suas percepções sobre a vida e sobre o avanço tecnológico, foi bastante relevante para esta dissertação, mas também para o pesquisador que viveu suas memórias individuais.

## **2. AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO NA COMUNIDADE DONA JUSCELINA**

Este capítulo apresenta os conceitos sobre tecnologias digitais de informação e de que forma estas TDIC's, podem contribuir com a manutenção das tradições e saberes tradicionais no Quilombo Dona Juscelina. Entendemos que em 2024 todas as comunidades devem ter acesso as tecnologias digitais, sobretudo na construção do conhecimento e no compartilhamento de suas práticas. Também partimos da hipótese de que estas ferramentas podem ser usadas na preservação das tradições e na divulgação desta cultura para outras comunidades, tendo em vista o mundo globalizado. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) é um conjunto de recursos e ferramentas utilizadas para processar, armazenar, transmitir e gerenciar informações e dados. A seguir iremos abordar alguns aspectos sobre essa designação.

### **2.1 Tecnologias sociais**

Segundo Dagnino (2014) Tecnologias sociais são soluções desenvolvidas de forma coletiva para atender a demandas sociais específicas, promovendo inclusão, desenvolvimento sustentável e melhoria da qualidade de vida das comunidades. Elas envolvem conhecimentos científicos e saberes populares, sendo acessíveis, replicáveis e de baixo custo.

Essas tecnologias podem estar presentes em diversas áreas, como educação, saúde, meio ambiente e economia solidária. Exemplos incluem as cisternas para captação de água no semiárido, bancos comunitários, agroecologia e softwares livres para inclusão digital. O diferencial das tecnologias sociais é sua construção participativa, respeitando as características e necessidades locais (Dagnino, 2014).

A concepção de tecnologias sociais apresentada por Dagnino (2014) pode ser diretamente relacionada à comunidade quilombola Dona Juscelina e à atuação da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). A comunidade quilombola, historicamente marginalizada, busca alternativas sustentáveis para garantir sua

autonomia e melhoria da qualidade de vida, e é nesse contexto que as tecnologias sociais desempenham um papel fundamental.

A UFNT, como instituição acadêmica, atua no desenvolvimento e na implementação dessas tecnologias por meio da pesquisa e da extensão universitária, promovendo soluções que respeitam os saberes tradicionais da comunidade. Projetos voltados para agroecologia, educação contextualizada e inclusão digital são exemplos de como o conhecimento científico e os saberes populares podem ser integrados para atender às necessidades locais.

## 2.2 Conceitos de Tradição

Hobsbawm e Ranger (1997) defendem que as tradições são produtos históricos e sociais, sujeitas a mudanças e manipulações ao longo do tempo. Argumentam que as tradições não são apenas heranças passadas, transmitidas de geração em geração, mas sim construções que servem a propósitos específicos. Essa perspectiva desafia a noção de que as tradições são imutáveis e autênticas, ressaltando a sua natureza inventada e fluida.

Neste sentido, percebe-se que a tradição pode sofrer transformações sem causar a sua destruição. No entanto, é, também, interessante nesta pesquisa nos atentarmos para o conceito de tradição na visão dos quilombolas da comunidade Dona Juscelina, assim é relevante apresentar as narrativas da entrevista do presidente da associação do Quilombo, o quilombola Manoel Borges Filho.

Eu falo isso para a gente entender que a Comunidade Dona Juscelina, ela se pauta muito pela tradição, nós chamamos de tradição na comunidade é aqueles costumes lá de trás. As práticas, os costumes herdados lá atrás e transmitidos para as gerações seguintes, mas se a gente vai olhar é esse costume essas práticas elas todas foram moldadas nas tecnologias existentes na época, então se a gente fala por exemplo, porque que vocês valorizam e falam na comunidade sobre a importância do coco, do pilão, dos quintais e que sempre está presente uma ferramenta antiga? porque era a tecnologia da época, agora com o passar do tempo as tecnologias vão mudando, vão se aperfeiçoando, vão avançando mais e a comunidade vai seguindo também, essa linha vai sendo estendida, então, as tecnologias na comunidade em nenhum momento ela se priva de se relacionar com as tecnologias. (Entrevista com Manoel Filho. Março/2023).

Diante desta entrevista observa-se que este é o conceito de tradição do

quilombo, uma tradição inventada dentro do grupo. A obra de Hobsbawm e Ranger, “A Invenção das Tradições” (1997) teve impacto significativo nos estudos históricos e antropológicos, estimulando debates sobre a construção social das tradições e o papel das instituições políticas na formação da identidade coletiva. A obra também influenciou campos como os estudos culturais e os estudos pós-coloniais, levantando questões sobre o legado do imperialismo e a maneira como as tradições são utilizadas para manter ou subverter estruturas de poder.

Eric Hobsbawm (1997) enfatiza a natureza dinâmica e mutável das tradições, destacando que elas são influenciadas pelo contexto histórico, político e social em que estão inseridas. Suas obras desafiaram as visões tradicionais e românticas da tradição, mostrando que ela é muitas vezes um produto da inovação e reinvenção social.

Raymond Williams (1979) considera a tradição como uma prática dinâmica em um campo de lutas no presente, em que resquícios do passado buscam se firmar diante das práticas homogêneas do presente. Para este pesquisador a tradição é semelhante a uma prática cultural, ligada diretamente a ação e à configuração das instituições e aos processos histórico-sociais de formação de indivíduos, grupos e realidades. E, mediada por relações sociais geralmente contraditórias e conflitivas, a tradição se naturaliza e as conexões que a constituem se tornam epistemologicamente óbvias, indubitáveis, reconhecíveis. A tradição vai além dos documentos que registram estas práticas. Práticas sociais e produtos culturais se relacionam com os documentos.

Para Williams (1979), a tradição não é apenas transmitida passivamente de geração para geração, mas é constantemente negociada e contestada. Ele enfatiza que as tradições são criadas e recriadas pelas pessoas em suas interações sociais, culturais e políticas. Ele também destaca a importância das práticas culturais cotidianas na formação e transformação da tradição.

Levando em consideração a situação da comunidade quilombola Dona Juscelina, em que jovens aprendizes de Griôs utilizam da tecnologia digital para divulgação da tradição, o que se percebe é que tradição e novas tecnologias de informação se unem na manutenção das práticas culturais e na transmissão destas práticas para as gerações posteriores.

## 2.3 Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação

O conceito de Tecnologia Digitais de Informação e Comunicação é mais abrangente do que os de processamento de dados, sistemas de informação, engenharia de software, informática ou o conjunto de hardware e software, pois também envolve aspectos humanos, administrativos e organizacionais (Keen, 1993 apud Carvalho 2014).

Tecnologia digital de Informação (TDI) é um termo que abrange uma ampla gama de conceitos relacionados à sua definição, compreensão e abordagens. Aqui estão alguns conceitos essenciais relacionados à Tecnologia digital de Informação.

Segundo Spinola e Pessoa (1998), sistemas de Informação: São sistemas compostos por pessoas, processos, dados e tecnologia que coletam, armazenam, processam e distribuem informações dentro de uma organização. Esses sistemas podem incluir hardware, software, redes e bancos de dados.

Redes de Computadores, segurança da Informação, gerenciamento de Projetos de TI, banco de dados, desenvolvimento de software, computação em nuvem, inteligência artificial (IA). Esses são apenas alguns dos muitos conceitos importantes em Tecnologia digital de Informação. O campo está em constante evolução, e novos conceitos e tecnologias emergem regularmente à medida que a sociedade avança.

Alguns autores, como Alter (1992), fazem distinção entre Tecnologia da Informação e Sistemas de Informação, restringindo à primeira expressão apenas os aspectos técnicos, enquanto à segunda corresponderiam as questões relativas ao fluxo de trabalho, pessoas e informações envolvidas.

As tecnologias digitais provocaram mudanças das práticas culturais da sociedade. Entende-se que mesmo aquelas comunidades baseadas na oralidade utilizam, em alguma medida, a cibercultura com a finalidade de garantir a preservação de seus conhecimentos e saberes.

A senhora Rosa Dália, Griô do Quilombo Dona Juscelina, foi entrevistada nesta pesquisa e considera a necessidade de que a comunidade seja incluída no mundo digital.

A comunidade deve estar acompanhando a evolução do mundo, não pode ficar para trás. No meu caso eu ainda não, porque tenho dificuldade de

entrar nisso aí com a internet, mas todo mundo precisa, principalmente a Juventude que está aí, as crianças, então, ela precisa sim. (Entrevista com Rosa Dália Abril/2024).

Pierre Lévy (2009) trabalha o conceito de cibercultura, entendendo que há uma mudança cultural a partir das tecnologias digitais. Segundo este autor, mesmo as comunidades baseadas na cultura oral estão mudando as práticas culturais, introduzindo uma cibercultura.

Em sua narrativa analítica, o autor sinaliza que a sociedade se encontra condicionada, mas não determinada pela técnica. Tal afirmação permite a percepção da relação biunívoca entre sociedade e tecnologia, mediante a qual a primeira se constitui historicamente pela segunda, embora não seja por ela determinada.

Segundo o Lévy (2009), com o advento do ciberespaço, o saber articula-se à nova perspectiva de educação, em função das novas formas de se construir conhecimento, que contemplam a democratização do acesso à informação, os novos estilos e formas de aprendizagem. Fatores como a grande velocidade das inovações tecnológicas, com destaque para a eletroeletrônica e comunicações, as decorrentes mudanças no mundo do trabalho e a proliferação de novos conhecimentos acabam por questionar como o processo de ensino, que enfatiza a transmissão dos saberes. Face ao exposto, há duas reformas necessárias à educação e aos processos de formação.

A primeira diz respeito à potencialidade da educação a distância hipermidiática, para formar uma nova pedagogia, em que o professor é incentivado a mediar o intelecto de seus alunos, ao invés de se restringir ao papel de fornecedor direto de informações relevantes à construção do conhecimento. A segunda reforma incide sobre a experiência adquirida na educação a distância, na medida em que o ciberespaço possibilita aos grupos de alunos trabalharem com sistemas compartilhados e automatizados para a construção do conhecimento. Nesse cenário, Lévy (2009) releva a internet como fonte promissora de informações, ressaltando-se a perene transformação do ciberespaço, em que as informações se multiplicam e atualizam-se de modo exponencial.

Entende-se que Lévy (2009) apresenta uma propensão ao entusiasmo com a internet sem considerar muitos os problemas decorrentes desse processo, talvez

em razão de sua escrita sobre um momento inicial de estruturação e desenvolvimento da internet;

Para Lévy (2009), o ciberespaço possibilita à combinação de alguns dispositivos e interfaces interativas melhorando sua co-construção. Entre eles temos o correio eletrônico, as conferências eletrônicas, e o hiperdocumento compartilhado e os sistemas avançados de aprendizagem de trabalho cooperativo.

O ciberespaço é uma vasta fonte de informações sobre praticamente qualquer assunto, que permite acesso à conteúdos educacionais, científicos, culturais e noticiosos de todo o mundo. Facilita a comunicação instantânea através de e-mails, mensagens instantâneas, redes sociais, videoconferências e fóruns online, conectando pessoas em diferentes partes do mundo (LÉVY, 2009).

Essas opções oferecidas pelo ciberespaço foram muito utilizadas pela comunidade quilombola durante a pandemia. É um espaço que na atualidade os membros fazem uso para comunicação com o mundo externo. Possibilita plataformas de ensino online, cursos, tutoriais e recursos educativos acessíveis globalmente, proporcionando oportunidades de aprendizado contínuo. Jovens estudantes quilombolas tem oportunidade de debater apresentar sua cultura através destes espaços.

Em resumo compreende-se que as tecnologias de informações e comunicação foram relevantes durante a pandemia de COVID-19 na comunidade quilombola Dona Juscelina. Aqui estão algumas das principais contribuições, como: Comunicação e Conectividade. Trabalho remoto: As tecnologias permitiram que as pessoas trabalhassem de casa, reduzindo a necessidade de deslocamento e minimizando o risco de contágio.

Comunicação online: Plataformas de comunicação como Zoom, Google Meet e Skype permitiram reuniões virtuais e manter contato com amigos e familiares. Redes sociais: As redes sociais foram fundamentais para a disseminação de informações, atualizações e apoio emocional.

Na Educação, foi algo sem precedentes pela grandiosidade de todo processo educacional, desde sua mobilização nacional para que crianças, jovens e adultos não ficassem sem estudar e as principais formas foram: Educação online: As tecnologias permitiram a continuidade do ensino-aprendizado durante a pandemia, com aulas online e recursos educacionais digitais.

Plataformas de aprendizado: Plataformas como google meet, Coursera, edX e Udemty ofereceram cursos e recursos educacionais gratuitos ou de baixo custo. Foi o acesso as tecnologias de informação e comunicação que foi possível a continuidade de atividades essenciais, como trabalho, educação e saúde, e reduzindo o risco de contágio.

A relação entre as novas tecnologias digitais e a tradição quilombola na comunidade Dona Juscelina, pode ser compreendida como um processo de adaptação e ressignificação. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) desempenharam um papel fundamental na manutenção das atividades educacionais, profissionais e sociais durante a pandemia de COVID-19, permitindo que a comunidade quilombola permanecesse conectada, acessasse informações e garantisse a continuidade do ensino.

Apesar das tecnologias digitais representarem um avanço moderno, elas não entraram em conflito com a tradição quilombola; pelo contrário, atuaram como um meio para fortalecer a identidade e os laços comunitários. A comunicação online e o uso das redes sociais, por exemplo, facilitaram a troca de conhecimentos e experiências entre os membros da comunidade, garantindo que a oralidade e os saberes tradicionais dos Griôs pudessem ser compartilhados mesmo em tempos de isolamento.

Além disso, o ensino remoto e o acesso a plataformas digitais proporcionaram uma oportunidade de aprendizado que antes poderia ser limitada por barreiras geográficas ou estruturais. O fato de jovens quilombolas terem utilizado essas ferramentas reforça a ideia de que a tradição e a modernidade podem coexistir, promovendo um diálogo entre o passado e o presente, onde os conhecimentos ancestrais continuam sendo valorizados e repassados por meio das novas mídias.

Portanto, as tecnologias digitais foram essenciais para manter viva a cultura quilombola na comunidade Dona Juscelina, fortalecendo suas práticas educativas, sociais e culturais, ao mesmo tempo em que abriram caminhos para novas formas de interação e aprendizado.

### **3. INTERSECÇÕES ENTRE A FORMAÇÃO DE MURICILÂNDIA (TO) E A CHEGADA DE DONA JUSCELINA – A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO QUILOMBO**

A história de Muricilândia (TO) e de Dona Juscelina se entrelaçam, suas trajetórias se misturam constituindo a formação sociocultural e territorial desse município. A matriarca quilombola era uma pessoa que sempre demonstrava uma relação muito próxima com as pessoas e com os lugares por onde ela passou, e principalmente em Muricilândia (TO), aonde ela chegou em 1962, aos 32 anos de idade.

#### **3.2. Conhecendo território político administrativo de Muricilândia (TO)**

Muricilândia é um dos 139 municípios do estado do Tocantins, se estende por 1.186,6 km<sup>2</sup> e possui 3.367 habitantes (IBGE, 2022), está localizada na região norte do Brasil e do estado, às margens da TO-222, a 473 km da capital, Palmas. A denominação para quem é natural de Muricilândia, assim como o pesquisador, é muricilandense.

A densidade demográfica é de 3 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município. Situado a 177 metros de altitude, Muricilândia tem as seguintes coordenadas geográficas: latitude: 7° 8' 51" Sul, longitude: 48° 36' 30" Oeste. Vizinho dos municípios de Aragominas, Santa Fé do Araguaia e Carmolândia, Muricilândia se situa a 45 km ao Norte-Oeste de Araguaína, a maior cidade nos arredores.

Com a promulgação da nova Constituição Federal (BRASIL, 1988) se divide o Estado de Goiás e é criado o Estado do Tocantins. Logo, em janeiro de 1989 o novo Estado é instalado e já em 05 de outubro do mesmo ano foi promulgado a Constituição Estadual e nela dando margem às eleições para emancipação municipal em todo o Estado e Muricilândia era um dos municípios que poderia ser emancipado.

Em fevereiro de 1991, Muricilândia surge como um dos mais novos municípios do Estado. Elevado à categoria de município com a denominação de Muricilândia, pela Lei Estadual nº 259, de 20 de fevereiro de 1991 (IBGE), alterado

em seus limites pela Lei Estadual nº 498, de 21 de dezembro de 1992 (IBGE), desmembrado de Araguaína.

A primeira eleição foi realizada em 1992 e a população elegeu como primeiro prefeito, o empresário, Rubens Gonçalves de Aguiar, com sede no antigo Distrito de Muricilândia, tornando município e instalado em 01 de janeiro de 1993. Assim como o Brasil promulgou a Carta Magna, que é a Constituição Federal e o Estado do Tocantins promulgou a Constituição Estadual, cada Município também tem a sua própria Lei Orgânica e, Muricilândia, como um dos mais novos municípios tocantinenses promulgou a sua 1ª Lei Orgânica em 20 de dezembro de 1993 (Câmara Municipal de Muricilândia). Em divisão territorial datada de 2001, o Município é constituído do Distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial, datada de 2007 (Câmara Municipal de Muricilândia).

Contudo, prosseguimos contando as histórias da cidade de Muricilândia (TO), a partir dos fatos vividos pelos mais antigos e os mais novos moradores.

### **3.3 A Chegada dos pioneiros e pioneiras às margens do rio Muricizal**

Começamos a conhecer a história de origem de Muricilândia (TO), a cidade natal deste pesquisador, a partir de relatos de moradores mais velhos que ajudaram a povoar a localidade, que em seu início de formação territorial, era conhecido como “Murici da Véia”.

Conforme a história oral da população muricilandense, famílias migrantes da região nordeste do país, em busca de melhores condições de vida, chegam a localidade em 20 de agosto de 1952, pela manhã, João Paulino juntamente com outros companheiros; Barnabé, Marciano, Abdias, Zé Pequeno, Manoel Ramos da Silva e Zacarias chegaram às margens de um rio, viram muita água, terras e logo foram estabelecendo moradias, mesmo de forma improvisada foram se organizando, plantando roças, visando melhor sobrevivência para suas famílias, e assim, povoando o local que tinha o rio como referência, que já servia como meio de sustento para os pescadores viajantes, e posteriormente, para os primeiros desbravadores das terras onde hoje é construída a cidade.

Na figura 10 apresentamos dois fundadores de Muricilândia (TO), em uma foto do passado, próximo ao rio que ele mesmo denominou de Muricilândia.

Senhores João Paulino e Manoel Barracão.

**Figura 2 - Os pioneiros de Muricilândia (TO)**



Fonte: Santos, 2021.

No dia 20 de agosto de 1952, o pequeno grupo se guiou pela esperança de encontrar recursos e terras férteis, partindo em direção à nuvem avistada do alto do morro. A jornada culminou, no final da tarde, com a chegada às margens de um rio, que mais tarde seria batizado de Muricizal, em homenagem à presença abundante do fruto do murici nas proximidades. A escolha do nome não apenas reflete a vegetação local, mas também a íntima conexão entre o homem e o meio ambiente, ressaltando a importância dos recursos naturais para a sobrevivência e o estabelecimento de comunidades naquela região.

Este momento marca o início de uma nova fase para o grupo, simbolizando a descoberta de um novo território promissor e o início de uma história que seria moldada pela relação entre os habitantes e a natureza ao seu redor. A presença do murici, como fonte de sustento e riqueza natural, torna-se um símbolo de resistência e adaptação, onde o rio Muricizal passa a ser o centro de uma nova narrativa de vida e colonização.

**Figura 3 - Arvore de Murici**



Fonte: Acervo da pesquisa Privino (2022).

Tudo se inicia com um grupo de oito homens liderados por Sr. João Paulino, que saíram de Aragominas (popularmente conhecida como Pé do Morro) como é chamada hoje, a comunidade quilombola, pelo viés da religiosidade e fé nas profecias de Padre Cícero, os chamados romeiros de Padre Cícero. O líder Senhor João Paulino tinha um lado religioso muito forte no entendimento como romeiro, não como praticante de manifestações culturais e matriz africana, e era seguido por muitos e admirado.

Padre Cícero era uma figura polêmica tanto entre os líderes da Igreja Católica, quanto entre os próprios fiéis. A sua história traz momentos de muita fé e devoção a Deus, no entanto aponta ainda sua participação política e autoritária na cidade de Juazeiro no Ceará. Padre Cícero Romão Batista foi transformado em um santo e seu nome é venerado entre os nordestinos fiéis da Igreja Católica (DUMOULIN E GUIMARÃES, 2015).

Uma informação que chama atenção é que os próprios filhos do senhor João

Paulino confirmam que qualquer manifestação religiosa que ele professasse era proibido na comunidade. Apesar de serem negros, eles não aceitavam nenhum tipo de manifestação alusiva à religião de matriz africana, isso era proibido, se persistisse poderia gerar a expulsão da comunidade.

João Francisco de Sousa (João Paulino), chegou às margens do Rio Murici em 1953, quando estava nascendo Muricilândia (TO), ele veio à procura de bandeiras verdes. Segundo Borges (2021) a visão simbólica e cultural do migrante nordestino, associando a "terra prometida" da tradição hebraica com a busca por melhores condições de vida nas chamadas "Bandeiras Verdes." O termo "Bandeiras Verdes" é utilizado para descrever terras férteis e prósperas, contrastando com a realidade árida e de escassez enfrentada no Nordeste brasileiro, especialmente durante períodos de seca. As pessoas mais velhas da comunidade estabelecem uma conexão entre a promessa bíblica de Moisés ao povo hebreu e a migração de nordestinos em busca de regiões onde as condições de vida seriam mais favoráveis, como as áreas às margens dos rios Tocantins e Araguaia.

Borges (2021) considera que o grupo pioneiro da comunidade seguia indicações de Padre Cícero, uma figura importante na cultura e religiosidade nordestina, que orientava as pessoas a buscarem essas "Bandeiras Verdes" como uma solução para os problemas de fome e seca. A imagem de atravessar "rios grandes" (os rios Tocantins e Araguaia) para encontrar terras férteis reflete o sonho de progresso e prosperidade, simbolizando uma transição geográfica e espiritual para um lugar onde a vida seria mais promissora.

Neste mesmo período chegou à família de dona Enedina Pereira de Sousa, que foi recebida pelo líder João Paulino nessa pequena comunidade religiosa de romeiro. Foi onde se deu o encontro deles, e posteriormente ela viria a ser sua esposa. Logo se casaram e tiveram treze filhos, morreram cinco, e permaneceram oito vivos, José Pereira, Guilherme Pereira (*in memoriam*), Maria Eurania da Conceição, Maria de Fatima Pereira de Sousa, Francisco de Paula Pereira de Sousa, Maria Betania Pereira de Sousa e João Filho Pereira de Sousa, sendo que todos os filhos do casal nasceram em Muricilândia (TO). Em 2024, a maior parte da família do seu João Paulino e dona Enedina Pereira continuam morando aqui em Muricilândia (TO).

Na narrativa de Francisco de Paula Pereira de Sousa, filho do pioneiro João Paulino afirma que:

[...] meu pai o senhor João Paulino [...] e minha mãe [...] se casaram aqui em Muricilândia na década de 1950, hoje vou falar da importância de minha mãe pra Muricilândia sempre ao lado de meu pai, ajudando, foi uma dona de casa incansável, discreta, tímida, porém seu papel foi fundamental na criação de nossa cidade, acolhendo a todos em nossa residência cozinhando para as caravanas que aqui chegavam. Mas minha mãe nunca abriu mão de seu ofício de quebradeira de coco, fomos criados na roça, no trabalho duro mesmo. Meus pais sempre foram religiosos, de muita fé. E assim vamos levar o legado tanto do meu pai, João Paulino como de minha mãe Enedina Pereira de Sousa. (Entrevista: Francisco de Paula Pereira de Sousa, 2022).

*“Quando as famílias chegaram era tudo mato”* afirmava Dona Juscelina em suas narrativas, de acordo com ela, assim outras famílias foram chegando, construindo seus barracos, marcando seus espaços, com a vontade de melhorar a realidade de vida.

### **3.4 Ano de 1960, Chegada da Família de Dona Juscelina em Muricilândia.**

Dona Juscelina e sua família chegaram na região banhada pelo rio Muricizal nos anos 1960, quando as construções dos barracos iam sendo substituídas por casas de tijolos, cada família se ampliando e daí formando o vilarejo. Ela dizia que se juntou aos outros moradores para buscarem melhorias para aquelas famílias. Foi então que virou grande parceira de luta juntamente com o seu João Paulino e ambos fortaleceram as representações políticas com fins de buscar melhorias para o lugar e respectivas famílias.

A notícia que a terra era boa, bem como a existência de minérios se espalhou, atraindo, assim, novos moradores, iniciando uma povoação, que foi crescendo; logo então chegaram os fazendeiros norte-americanos, estes que fizeram estradas e construíram pontes sobre o Rio Muricizal, e fomentando o crescimento do distrito. Ao localizar as margens do Rio Muricizal, e por existir a mata ciliar, perceberam que uma árvore carregada de frutos se espalhava pelas margens do rio, eram pés de murici, frutos vermelhos, ácidos, mas de sabor agradável, e assim batizaram curso d'água de Muricizal.

As pessoas foram migrando para a região, mas era necessário um reconhecimento político para que a localidade existisse de fato. A força política foi importante e por meio dela, João Paulino foi reconhecido como primeiro representante político do local, esse lugarejo que antes era formado por barracos à beira do rio passou então a ser intitulado legalmente como Distrito através da Lei Municipal nº 55, de 15/12/1963 (Câmara Municipal de Muricilândia), subordinado ao município de Araguaína. Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o distrito de Muricilândia, integra os limites no município de Araguaína, até então estado de Goiás. Como Distrito, Dona Juscelina dizia que João Paulino passou a ser uma importante referência para Muricilândia e região, sendo inclusive reconhecido por políticos do então Estado de Goiás.

Lugar como Muricilândia, que foi crescendo até chegar à posição de distrito, onde posteriormente, mais precisamente no ano de 1992 tornou-se município com a 1ª eleição. Os sistemas aquáticos são fundamentais para as cidades, pois fornecem água e locais de descanso e lazer para as comunidades. O Rio Muricizal é de extrema importância para todos muricilandenses, ele é um subsídio, desde a descoberta de Muricilândia até 2024 é uma relação de amor e respeito com a natureza. Dona Juscelina conta que o rio faz parte de sua vida desde quando chegou em Muricilândia.

Dona Juscelina falava que o Rio Muricizal é a coisa mais linda que existe. Não de outra forma, os municípios brasileiros convivem com problemas semelhantes quanto à falta de racionalização do uso da água, deste líquido precioso. Analogicamente é o que ocorre no município de Muricilândia (TO). O Rio Muricizal é importante para a comunidade, cuidar bem da água e defender os rios e fontes é uma forma de reconhecer a presença divina no universo (Figura 12).

Dona Juscelina se colocava como exemplo a ser seguido, entendida, respeitada e admirada. Não tinha distância para ela, sempre atendia a todos, era batalhadora e tinha em suas falas, a vivência da luta como meio para alcançar as mudanças necessárias ao seu quilombo e sua comunidade servindo de inspiração para tantas outras mulheres que estão no mesmo espaço. Era uma relação linda entre Dona Juscelina com o Rio Muricizal.

**Figura 4 - Dona Juscelina nas margens do Rio Muricizal**



Fonte: NEUZA – UFNT, 2021.

Atualmente, o rio é principalmente fonte de lazer da cidade, servindo para banhos, encontros com os amigos, pescarias, passeios de canoa, lazer e também é palco de alguns eventos públicos e privados, tais como a cavalgada, rally de boias, shows, campeonato de futebol, campeonato de vôlei de areia, palestras, aula campo, festa de aniversário da cidade, bem como de populares da cidade de Muricilândia (TO), tudo isso ainda é muito comum para os moradores do município e das proximidades, e diz um ditado popular, “quem bebe da água do Murici, sempre volta”, a expressão significa a forte relação de afetividade que os habitantes possuem com o rio. Vale lembrar que o rio Muricizal foi de grande importância na construção e formação da cidade de Muricilândia, Dona Juscelina sempre falava com muito carinho do rio, fonte de vida para todos da comunidade, o surgimento do município de Muricilândia se assemelha a história e de pessoas indo em direção de água em abundância, sendo assim, os moradores do município de Muricilândia (TO) encontraram na beira do rio Muricizal um novo motivo de (re)construir seus sonhos e fixar suas raízes.

### **3.5 Trajetória socioespacial de Dona Juscelina**

Lucelina Gomes dos Santos, de Nova Iorque (MA) ao Murici da Velha (TO). Em Nova Iorque (MA), nasce Lucelina Gomes dos Santos mais conhecida como Dona Juscelina, aos 24 de outubro de 1931 (porém ela afirmava ter nascido em

1930, e afirma que foi um erro no registro do cartório). É neste município que vive sua infância e parte de sua juventude até o ano de 1951. Nesta localidade, Dona Juscelina estudou até o terceiro ano das séries iniciais e aprendeu a ler e escrever recebeu de sua família uma educação cristã católica sincrética que envolvia os rituais da igreja católica como “adoração” ao Divino Espírito Santo e a Folia de Reis, mas ao mesmo tempo foi educada para tocar tambor, elemento das religiões afro, saberes tradicionais dos seus ancestrais, e também ensinada nos costumes e hábitos da cultura afrodescendente, a partir de seus sete anos de idade passou a participar da Festa 13 de Maio e se autodenomina como uma brincante.

Em 1948 Dona Juscelina se casa no civil, mas o matrimônio dura apenas três meses, e resultou em uma gravidez que só tomou conhecimento após a separação, em seu relato disse que o ex-marido era um homem muito ruim e que ela não aceitava conviver com suas maldades, após separar-se nunca mais o viu e no ano seguinte, 1949, dá à luz a única filha de seu ventre, Maria das Graças Gomes dos Santos. Em 1952, Dona Juscelina muda-se com a família: seus pais, irmãos e sua filha, para o município de Pastos Bons (MA) onde residiu por três anos. Lá se casa pela segunda vez, agora com o senhor Cristino Lopes, e afirmava inúmeras vezes que este marido a fez muito feliz e viveram 60 anos juntos até seu falecimento em 2011.

Nesse período que a matriarca viveu em Pastos Bons (MA), dedica-se exclusivamente à família e sempre lembra nostalgicamente que esse esposo foi seu grande companheiro para ajudá-la na realização das Festas, embora carregasse a missão entregue por seu tio, ainda não se sentia preparada.

Em 1959, Dona Juscelina visitou uma irmã que morava em Muricilândia (TO), e permaneceu com ela por dois meses. Por ter gostado tanto da localidade, ao retornar para Cristalândia (TO), manifestou para sua família o interesse de mudarem para as margens do Rio Muricizal. Após longa insistência ela convenceu sua família e principalmente seu pai a efetuarem o processo migratório.

Mesmo sendo uma mulher casada, o ancião da família é quem mantinha a autoridade e assim os demais respeitavam. Foi em 1960 visitou a irmã, Maria dos Anjos, que já residia neste município, que era uma grande mata. Toda vida foi interessada para ter as coisas, sem ser mandada por ninguém, voltou para Cristalândia (TO) cidade onde estava residindo com sua família. No dia 02 de

outubro de 1962, chegou em Muricilândia (TO) juntamente com sua Família.

Dona Juscelina se alia a João Paulino para buscarem reconhecimento político para a localidade e proporcionar o desenvolvimento local. Entrou aqui no Murici da Velha (alusão à beata Antônia Barros de Sousa), no povoado se contavam as casinhas, então a Dona Juscelina lutou junto, ombro a ombro com João Paulino, fundador de Muricilândia. Quando ela chegou aqui já tinha dez anos que João Paulino estava em Muricilândia (SANTOS, 2018).

Dona Juscelina sempre teve o cuidado em manter os eventos culturais que formaram a identidade do Quilombo Dona Juscelina. O festejo de 13 de maio, a festa do Divino Espírito Santo. A matriarca também sempre incorporou esta mesma identidade a cidade de Muricilândia.

### **3.6 O que é Quilombo?**

Monaliza Borges de Almeida e Robenilson Moura Barreto (2022), destaca os quilombos como um movimento típico dos escravizados no Brasil, formados por cativos que fugiam em busca de liberdade. Essas comunidades não eram homogêneas, pois variavam conforme a localização, o tamanho, a quantidade de habitantes e as circunstâncias de sua formação. Alguns quilombos surgiram a partir de revoltas coletivas, enquanto outros foram sendo formados gradualmente por escravizados que fugiam individualmente e se uniam a grupos já existentes.

Embora houvesse diferenças entre os quilombos, todos compartilhavam um aspecto em comum: a busca pela autonomia e pela construção de um espaço livre da opressão colonial. A sobrevivência dessas comunidades dependia das estratégias que cada uma desenvolvia de acordo com sua realidade, aproveitando os recursos disponíveis em seu território e estabelecendo relações com outros grupos sociais.

Almeida e Barreto (2022) também ressalta a influência das culturas africanas na organização dos quilombos, evidenciando que esses espaços não eram apenas locais de refúgio, mas também de resgate e ressignificação das tradições trazidas pelos africanos escravizados. Além disso, a interação com indígenas, mestiços, crioulos e até brancos possibilitou trocas culturais que contribuíram para a formação de uma identidade quilombola única, moldada pela diversidade e resistência.

Portanto, para Almeida e Barreto (2022) os quilombos representaram mais

do que simples esconderijos para fugitivos; foram espaços de reconstrução social, onde diferentes grupos se uniram para criar novas formas de existência, baseadas na liberdade, na solidariedade e na manutenção de suas raízes culturais.

Almeida e Barreto (2022) compreende que a construção da identidade quilombola está diretamente ligada ao reconhecimento e pertencimento à história de luta e resistência desse grupo. Esse processo envolve aspectos afetivos e subjetivos que definem o que significa “ser quilombola”, indo além da ancestralidade e incorporando práticas culturais, sociais e políticas.

A identidade quilombola se manifesta em diferentes formas, como a resistência contra opressões, a fuga e o isolamento para garantir a liberdade, o modo de vida baseado na coletividade e no cuidado mútuo, além da forte relação com a terra e o território, considerados elementos essenciais para a sobrevivência. O pertencimento territorial não é apenas geográfico, mas também simbólico, pois representa a continuidade das tradições e a manutenção dos direitos dessas comunidades (Almeida e Barreto 2022).

Os autores sugerem que essa construção identitária também pode ser observada na trajetória da comunidade quilombola Dona Juscelina, indicando que os processos históricos de luta e reconhecimento ainda são vivenciados e ressignificados no presente. Isso reforça a importância da terra como um elemento central na constituição da identidade e no fortalecimento da cultura quilombola.

Levando em consideração este estudo entende-se que o quilombo contemporâneo é criado a partir da tradição, cultura e identidade.

Ceccarelli (2013) acredita que a identidade é uma vivência íntima, que nos dá um sentimento indispensável, porém enganador, de um conhecimento de nós mesmos, o que nos garantiria saber que somos nós e não uma outra pessoa. Nesse processo, a identidade é construída a partir da semelhança entre elementos que parecem idênticos, ao mesmo tempo em que destaca suas diferenças.

Ceccarelli (2013) sugere que a identidade é um conceito subjetivo e complexo, pois nos dá a impressão de autoconhecimento, mas essa percepção pode ser ilusória. Ela nos faz acreditar que temos uma essência fixa e distinta dos outros, garantindo a sensação de continuidade ao longo do tempo. No entanto, a identidade não é algo estático, mas sim um processo dinâmico que se forma a partir das semelhanças entre indivíduos ou grupos, ao mesmo tempo em que evidencia

as diferenças. Dessa forma, a construção identitária envolve tanto a identificação com determinados aspectos quanto a diferenciação em relação a outros.

A reflexão de Ceccarelli (2013) sobre identidade pode ser diretamente relacionada à formação das comunidades quilombolas no Brasil. A identidade quilombola é construída a partir da vivência compartilhada de resistência, cultura e ancestralidade, criando um sentimento de pertencimento e continuidade ao longo do tempo.

Assim como Ceccarelli (2013) aponta que a identidade se forma na interseção entre semelhança e diferença, as comunidades quilombolas consolidaram sua identidade coletiva por meio da valorização de suas raízes africanas e dos laços comunitários, ao mesmo tempo em que se diferenciam do restante da sociedade brasileira, marcada por uma história de escravidão e marginalização. Essa construção identitária foi essencial para garantir sua sobrevivência e a luta por direitos territoriais, culturais e sociais, reafirmando sua existência como grupos diferenciados dentro do Brasil.

#### 4. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE JOVENS E OS GRIÔS

O Quilombo Dona Juscelina tem o Conselho de Griôs que atua em conjunto com a juventude no objetivo de manter viva as práticas culturais dos seus ancestrais como também a tradição afro-brasileira.

Todo ano o Conselho de Griôs se reúne com os jovens da comunidade para transmitir os saberes acumulados. No ano de 2023 aconteceu este encontro na Comunidade Quilombola Dona Juscelina como relatado em entrevista com seu Du Santo, em abril de 2024. No referido ano o tema relacionado, foi sobre os brinquedos de antigamente, os brinquedos que os Griôs produziam e brincavam. Foi uma experiência extraordinária, observar crianças que nasceram em uma era totalmente digital, encantados com brinquedos feitos de madeira, cordas, bambu, talo de buriti e panos, dentre outros.

Algo importante, que merece destaque, nesta observação foi ver a empolgação dos Griôs ao participar desse evento, como é importante para cada um deles se sentirem úteis, em meio a uma sociedade onde tudo é descartável, inclusive pessoas e principalmente na velhice. A Comunidade Quilombola Dona Juscelina, inova fazendo com que os jovens possam parar, sair de seu “mundo digital” e simplesmente ouvir o que os mais velhos têm a ensinar. Esse momento de troca de saberes, é muito mais profundo do que se pode imaginar, pois ele é carregado de significados. Observar os olhos brilhando dos Griôs construindo brinquedos que faziam quando eram crianças, observar a atenção deles em ensinar aos mais novos. Sem sombra de dúvida não é simplesmente construir um brinquedo, têm sentimentos, lembranças, recordações. Têm a sensação da utilidade, se sentir útil, vivo.

Na imagem que segue (Figura 5), vê-se os Griôs empolgados ensinando as crianças com brincadeiras antigas. Aqui observa-se que há uma diversidade de pessoas, e os jovens estão dançando juntamente com os Griôs, uma verdadeira sintonia. Este evento aconteceu em frente à memorial dona Juscelina, com a presença de mais de 50 jovens e praticamente todo o conselho de Griôs estavam presentes, na imagem, pode-se ver nossa Griô Lena, que está de camisa branca, dançando com os jovens da comunidade.

**Figura 5 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 1**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

E o ensinamento maior que se pode ter é que em uma Comunidade Quilombola, os mais velhos serão sempre os mais sábios e nunca poderão ser descartados, pois é através deles e dos seus saberes que a comunidade se mantém viva e forte.

Levando em consideração as imagens acima, Manoel Borges Filho considera que os Griôs passam as tecnologias do passado para os jovens uma verdadeira troca de experiência. Mas ao mesmo tempo nos chama atenção para a troca intergeracional.

A comunidade dona Juscelina realiza os encontros de griôs com jovens, os griôs são as representações das tecnologias do passado e eles passam isso aos jovens, os mesmos jovens que estão ouvindo e que esta absorvendo aquelas informações transmitidas, sobre quem manipulou as tecnologias do passado é o mesmo jovem que manipula as tecnologias do presente, então, e não há atrito, pelo contrário, a partir do momento que ele assimila essas trocas de experiências para si, mais engajamento ele cria dentro de si, para participar e divulgar a cultura da comunidade (Entrevista com Manoel Filho. Fev/2023).

O entrevistado destaca a importância dos encontros de griôs na comunidade Dona Juscelina como um espaço de transmissão intergeracional de saberes. Os griôs, reconhecidos como guardiões das memórias e conhecimentos ancestrais, compartilham com os jovens as "tecnologias do passado", ou seja, os modos de vida, os saberes tradicionais e as práticas culturais que sustentaram a comunidade ao longo do tempo.

Manoel Filho enfatiza que, longe de haver um conflito entre tradição e modernidade, os jovens que escutam e absorvem essas histórias são os mesmos que lidam com as tecnologias do presente. Isso sugere que a valorização do conhecimento tradicional não impede a inserção no mundo contemporâneo, mas, pelo contrário, fortalece a identidade cultural dos jovens e seu engajamento com a comunidade.

Ao internalizar essas experiências e compreendê-las como parte de sua história, os jovens tendem a se sentir mais conectados à sua cultura e mais motivados a divulgá-la e preservá-la. Assim, a entrevista aponta para um processo de continuidade e ressignificação das tradições, em que a ancestralidade e a modernidade coexistem e se complementam na construção da identidade comunitária.

Na Imagem a seguir, na figura 6, vemos crianças e Griôs ocupando o mesmo espaço e compartilhando brincadeiras de roda com a presença da Griô Rosa Mirtes e do presidente Manoel Filho, no qual observa-se também que todos estão atentos, aos movimentos da dança, enquanto outra jovem explica para os presentes a importância daquela dança e toda sua história.

**Figura 6 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 2**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

As crianças e jovens que participaram desse momento, saíram encantados e, com toda certeza, naqueles momentos vivenciados por eles, em nenhum instante foi percebido o uso de celulares, *smartphones*, ou outro objeto tecnológico. A não

ser por outras pessoas que faziam questão de filmar, tirar fotos e postar em redes sociais e principalmente nas páginas da internet da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Neste sentido observa que a aproximação das crianças com os Griôs lembrando as brincadeiras de sua época, faz com que as crianças se esqueçam das novas tecnologias ao menos no momento das brincadeiras antigas.

Nas imagens, das figuras 7 a 10, que seguem, temos a presença de alguns alunos do 6º, 7º e 8º ano vespertino do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, juntamente com o professor Damião e as Griôs Lena e Eurania, como também outros jovens da comunidade. Os mesmos foram participar de uma roda de conversa sobre os brinquedos de antigamente, sua fabricação e como brincavam, um encontro recheado de alegria, boas histórias e, claro, muitas memórias, principalmente para os griôs que lembraram de sua infância com muita saudade.

**Figura 7 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 2**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Outro fator relevante foi a presença dos alunos. O Colégio Estadual Marechal Costa e Silva fez questão de aproveitar o sábado letivo do dia 29 de abril de 2023 e levar os alunos para vivenciarem esse momento de aprendizado e troca de saberes. Conversando com os alunos, todos acharam o máximo participar de

momentos como estes. E na noite do mesmo dia aconteceu a culminância destes encontros, no qual os Griôs puderam mostrar para toda a comunidade o que foi fabricado por eles durante esses dias e o que foi ensinado as crianças e jovens da comunidade.

**Figura 8 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 3**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

A participação dos alunos do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva nesse evento foi um exemplo claro de como a educação pode ir além da sala de aula, proporcionando experiências que envolvem não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o resgate cultural e o fortalecimento da identidade comunitária. Ao vivenciarem esse momento de troca de saberes, os estudantes puderam entender na prática a importância de preservar e valorizar o conhecimento tradicional transmitido pelos Griôs. Essa imersão nas histórias, práticas e ensinamentos ancestrais enriquece a formação dos jovens, incentivando o respeito pelas tradições e o reconhecimento das raízes culturais que moldam sua comunidade.

**Figura 9 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 4**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

A apresentação dos objetos produzidos e das lições ensinadas pelos Griôs permitiram que a comunidade, incluindo as novas gerações, vissem de perto o valor desses saberes. Esse tipo de interação reforça o papel crucial da escola como mediadora entre o conhecimento formal e as práticas culturais, preparando os alunos para serem cidadãos conscientes e ativos na preservação de sua herança cultural.

Diante das imagens percebe-se que a Comunidade Quilombola Dona Juscelina, é um espaço de troca de saberes, e as novas tecnologias são utilizadas sem perder as práticas culturais dos ancestrais como uma forma de compartilhamento entre as gerações. As últimas imagens, 08,09 e 10, apresentam o ambiente escolar que utiliza na prática as novas tecnologias digitais compartilhando saberes com o Griôs as práticas tradicionais.

**Figura 10 – Comunidade Quilombola Dona Juscelina 5**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na imagem a seguir, retrata uma cena do próximo encontro social em comemoração à abolição da escravidão, que aconteceu dia 13 de maio de 2023, com a participação de jovens e idosos no mesmo espaço compartilhando das mesmas práticas. Aqui observamos a presença de alguns alunos da Escola Estadual Adolfo Bezerra de Menezes, de Araguaína, que vieram participar das festividades do 13 de maio, e registraram esse momento com as Negras Marianas, momento de troca de saberes, no qual o carinho e o respeito são percebidos pelo autor através desta fotografia. São alunos do novo ensino médio participando do evento, em uma aula de campo, com objeto do conhecimento das trilhas de aprofundamento <sup>3</sup>“Vozes da Juventude”. As Negras Marianas é um grupo de mulheres de terceira idade que se juntaram para criarem a tradição Quilombola

---

<sup>3</sup> Componente curricular do Novo Ensino Médio para área de Humanas.

Dona Juscelina. O nome Marianas é entendido como filhas de Maria. Elas treinam e se apresentam com danças tradicionais como o Lindô. Este grupo vai renovando quando uma das membras não podem mais participar ou vem a óbito.

**Figura 11 - Alunos da escola Adolfo Bezerra de Menezes - Araguaína com as mulheres e crianças que representam o grupo “Negras Mariana”**



Fonte: acervo do autor, 2023.

Observa-se nesta imagem o interesse da juventude em conhecer a história dos ancestrais. Tecnologias digitais, são transmitidos em redes sociais da escola que acompanhou o evento, dos próprios alunos, como também os equipamentos utilizados fazem parte desta nova tecnologia a serviço de ações tradicionais.

#### **4.1 Breve histórico sobre a Pandemia e a Comunidade**

Em dezembro de 2019 o mundo foi surpreendido com os primeiros casos de um vírus fatal, em Wuhan na China, até então apenas notícias de um novo vírus que estava fazendo muitas vítimas, porém, como era algo tão distante, poucos se preocuparam que esse mal pudesse sair de lá. Porém, em questão de dias o que era tão distante se aproximou rapidamente e chegou ao nosso país, causando pânico e muito medo. Não demorou e em 2020 todos já estávamos trancafiados em nossas casas em total isolamento.

Aí começa o desespero, pessoas próximas começam a serem infectadas e a morrer causando pânico total. E uma pequena comunidade quilombola que está

urbana, que já enfrenta suas dificuldades comuns do dia a dia, agora mais do que nunca precisou se isolar ainda mais. As escolas precisaram se adaptar ao novo, aulas remotas, professores precisando aprender a editar vídeos, a serem verdadeiros blogueiros, alunos sendo obrigados a passar ainda mais tempo em frente do celular ou do computador para assistir aulas.

Em meio a tudo que estava acontecendo no mundo com um número exorbitantes de mortes por dia, a comunidade quilombola dona Juscelina precisou se reinventar e nesse momento e os jovens da comunidade tiveram um papel imprescindível. Como o mundo estava sofrendo esse grande baque e todos estavam em isolamento, mesmo assim, a vida continuava e precisávamos tomar algumas decisões enquanto comunidade e a forma que foi encontrada, foi começar a utilizar as tecnologias digitais disponíveis, mesmo com o receio de que os mais velhos, não iriam gostar ou não iriam se adaptar a exposição às tecnologias digitais.

Porém, grande foi a surpresa de toda a comunidade que abraçou essas tecnologias, e todos os comunicados, recados, reuniões, assembleias tudo passou a ser transmitido através das redes sociais. Aqui vale ressaltar o grande papel dos jovens, que dedicaram um pouco mais do seu tempo para ensinar aos pais e avós a como usar a internet e as redes sociais. Essas ações foram importantes para estreitar os laços em uma comunicação intergeracional.

Com o passar dos meses, a grata surpresa de todos, foi observar uma comunidade totalmente atendida ao uso destas tecnologias, e algo que parecia tão distante, foi colocado ao alcance de praticamente todos os membros da comunidade. Destaca-se, também, alguns fatos peculiares, dentre os quais dona Juscelina, que participou de lives, contando sempre o apoio dos jovens da comunidade. Dona Juscelina era uma mulher que estava muito à frente do seu tempo, pois, mesmo em toda sua humildade e simplicidade, sabia entrar e sair de qualquer ambiente e com as redes sociais não foi diferente, ela já estava íntima das filmagens e entrevistas online.

**Figura 12 - A jovem Ludimila com o Presidente da Associação Quilombola Dona Juscelina, Manoel Filho, participando de um documentário**



Fonte: Print da tela.

Na imagem 12, é possível observar jovens e adultos reunidos em um mesmo ambiente tradicional do quilombo Dona Juscelina. Esse cenário representa uma poderosa conexão intergeracional, na qual diferentes faixas etárias compartilham experiências, saberes e vivências em um espaço que carrega as marcas da ancestralidade e resistência quilombola. O ambiente tradicional do quilombo serve como um local de transmissão de valores culturais e de preservação das memórias históricas da comunidade.

#### **4.2 Narrativas da Festa do 13 de maio**

A estrutura cultural da Festa de 13 de maio na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, que se divide em partes, inicia-se com um cortejo pelas ruas da cidade no segundo momento, a parte religiosa, que Dona Juscelina fazia questão de chamar de “minha missa”, porém, a comunidade chama de “Momento Celebrativo Inter-religioso”. É quando representantes das religiões presentes realizam esse momento celebrativo.

As quatro horas da manhã do dia 13 de maio começa a tradicional “Alvorada”. As pessoas vão se congregando na casa da matriarca para a batucada dos tambores e dos cantos das músicas da festa. Antes do amanhecer idosos, adultos, jovens e crianças saem cantando e dançando o batuque pelas ruas de Muricilândia, anunciando que a festividade começou, como é mostrado na figura

13, registro da Alvorada do Festejo da Abolição de 2019. Ao retornar à casa da matriarca, por volta das seis horas da manhã, é servido a todos um café forte com farofa de carne, bola de puba e bolo cacete. Após esse começo, entre as oito horas da manhã e às quinze horas, a cidade silencia e há a sensação de que tudo parou e a festa acabou, não é uma imposição do festejo, mas é que todos retornam aos seus lares e iniciam os preparativos para o momento mais esperado que é a encenação da assinatura da lei Áurea, que a comunidade chama de “Teatro da Abolição”.

**Figura 13 - Alvorada às 4 horas da manhã, pelas ruas de Muricilândia**



Fonte: ACERVO DA COMUNIDADE, 2022.

Se por um lado, os homens se encarregam de preparar e cuidar das peças que irão compor o cenário do teatro, as mulheres preparam seus figurinos, turbantes, colares e maquiagens. Por sua vez, os jovens cuidam do figurino e a tinta preta que será usada para untar seus corpos. As senhoras do grupo de dança Negras Marianas e as jovens do grupo de dança Afro-kizomba fazem os últimos ajustes da dança e dos figurinos.

Neste sentido o grupo Afro-Kizomba é um grupo formado por jovens para apresentarem danças tradicionais nos eventos da comunidade. Da mesma forma quando alguma das meninas se casam outra pessoa ocupa o lugar delas no grupo. Seguindo a tradição quando a jovem se casa não pode mais fazer parte do grupo de dança.

Às quinze horas tem início o momento celebrativo inter-religioso, no qual há o encontro de lideranças religiosas das Igrejas Católica e Evangélica, além das de Religiões de matriz africana com a comunidade. Há uma tenda preparada para a celebração. A solenidade é de aproximadamente 1 hora, juntamente com pessoas católicas romeiras, evangélicas e de matriz africana. No princípio da festa apenas a igreja católica era convidada para participar com a celebração de uma missa, mas a partir do momento em que houve a certificação da comunidade como Remanescente de Quilombo iniciou-se também o envolvimento dos evangélicos, porém em 2015 a comunidade contou, igualmente, com a presença de um representante de religião de matriz africana.

A comunidade não estava isenta da intolerância religiosa. No início, encontrar algum morador que fosse intransigente com pessoas de religiões de matriz africana não era difícil, pois eles combatiam essa crença. Nos primórdios do povoado de Muricilândia o seu líder fundador era rigoroso e não aceitava que pessoas adeptas de religiões africanas permanecessem ali, e instigava para que elas saíssem daquele núcleo social, como afirma Sousa (2015):

Se chegava alguém aqui que frequentador de terreiro de candomblé ou terecô, meu pai pedia a pessoa que deixasse o povoado e fosse embora (Entrevista oral, senhor Paulo Pereira de Sousa, 2020).

A narrativa do senhor Paulo Pereira de Sousa nos leva a pensar que em uma comunidade recém povoada em que algumas dezenas de habitações e não mais do que uma centena de moradores ou um pouco mais, imbuídos dos conhecimentos herdados dos antepassados, em que todos comungavam dos mesmos sentimentos cultural e religioso, tais como: a romaria formada por camponeses nordestinos, os negros, os de vínculos religiosos com o catolicismo popular, as práticas sociais e produtivas que fomentavam a vida em comunidade, não houvesse elementos para nutrir sentimentos de exclusão e intolerância religiosa na comunidade. Acredita-se que esse respeito mútuo entre várias religiões através da liderança de Dona Juscelina.

O momento celebrativo inter-religioso realizado pela Comunidade Quilombola Dona Juscelina, durante o Festejo da Abolição, traz no seu cerne a intenção de permitir que haja espaço para que as religiões se manifestem e atuem

respeitando seus princípios, práticas e crenças, bem como a de favorecer a reconstrução do sentimento de coletividade outrora presente na comunidade.

Após a realização do momento celebrativo inter-religioso é dado início ao Teatro da Abolição. Ele retrata uma cena do cotidiano de trabalho do negro cativo numa fazenda, em que o escravizado é capturado após uma tentativa de fuga e levado ao tronco, ali ele é severamente chicoteado até desfalecer. Após ser retido, o senhor de engenho e o feitor conversam sobre qual punição será aplicada contra o negro fugitivo, sempre decidindo por sua prisão junto a um tronco e o chicoteamento.

É importante destacar que os atores e atrizes que participam do teatro da abolição são da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, a maioria é formada por jovens que, mesmo sendo negros, se pintam de preto com uma mistura preparada a base de carvão de casca de árvores e óleo vegetal. Junto aos jovens pintados está a griô Rosa Mirtes. Ela representa a preta velha que tenta impedir que o negro fugitivo seja levado ao tronco para ser castigado, da mesma forma é ela que primeiro se manifesta após a encenação da assinatura da lei Áurea. A partir desse ato, a griô pula, canta e dança expressando a alegria da libertação. A encenação da preta velha é seguida pelos demais negros. A foto 14, mostra a caracterização dos jovens que encenam no teatro.

A presença da griô Rosa Mirtes, que desempenha o papel da "preta velha", é igualmente significativa. A griô, como guardiã das tradições e dos saberes orais, age como uma ponte entre o passado e o presente, representando a figura ancestral que protege e guia a comunidade. Sua atuação no teatro, tentando impedir o castigo do negro fugitivo e comemorando a abolição, carrega um profundo simbolismo de luta, resistência e celebração da liberdade.

O teatro da abolição, não é apenas uma encenação histórica; é um ato cultural que mantém viva a memória da escravidão e da libertação, além de fortalecer os laços comunitários e a identidade coletiva dos jovens da Comunidade Quilombola. A figura 14, que mostra a caracterização dos jovens, evidenciando o quanto a arte pode ser uma ferramenta de conscientização e empoderamento, unindo passado e presente em uma narrativa que celebra a resistência e a luta pela liberdade.

**Figura 14 - Jovens atores e atrizes quilombolas que participam do Teatro da Abolição**



Fonte: ACERVO DA COMUNIDADE 2019.

A encenação começa com um diálogo no núcleo de uma família escravizada, em que o marido se queixa para sua esposa dos maus tratos que sofre no labor diário nos canaviais ou nos cafezais da fazenda, recebendo gritos, xingamentos e castigos de chicotadas nas costas e nas pernas. À esposa o marido afirma que não aguenta mais e que pretende fugir, embrenhar-se nas matas para escapar dos maus tratos, mas voltará para buscá-la junto com os filhos e, então, levá-los para um novo abrigo, onde não haverá castigo nem tortura; onde poderão viver sossegados. É importante lembrar que toda encenação do teatro era acompanhada por dona Juscelina. Atentamente e silenciosamente ela observava o desenrolar do teatro, cena por cena.

Imaginamos que ali, na representação no palco, a mente de dona Juscelina se transportava para os idos dos anos de 1950 e mobilizava as lembranças dos teatros da abolição organizados por seu tio Claro Preto do Saco, em Nova Iorque (MA), que ela atentamente acompanhava. A figura 15, do Teatro da Abolição na Comunidade Quilombola Dona Juscelina no ano de 2018, representa o momento em que o negro fugitivo, após ser capturado, é levado ao tronco para ser castigado.

**Figura 15 - Escravo fugitivo sendo levado ao tronco**



Fonte: ACERVO DA COMUNIDADE, 2018.

A representação da princesa Isabel no teatro da Abolição traz à cena uma mulher que se comove tanto com os maus tratos quanto com o sofrimento do negro, que está apanhando amarrado a um tronco sem ter como se defender. A princesa observa de longe, ela se comove e avança em direção ao senhor de engenho e ao feitor e determina que suspenda o castigo, entretanto os algozes hesitam em parar e continuam a punição. A figura 19 mostra o momento em que a princesa Isabel faz valer a sua autoridade sobre todos os súditos do reino, em razão dela estar na regência do Império.

**Figura 16 - A representação da Princesa Isabel**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

O castigo é suspenso, a princesa Isabel assina a lei Áurea e em seguida profere a frase: “Vocês estão livres”, e o escravizado é liberto. A figura 20 mostra que a partir daí os negros pulam, cantam e dançam, logo começa o cortejo que sairá pelas principais ruas de Muricilândia, perfazendo um percurso de aproximadamente 3 quilômetros.

**Figura 17 - A libertação dos escravos e início do cortejo**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

O cortejo segue dentro de uma organização. À frente vão as balizas, que são crianças quilombolas, vestindo trajes de características afro. Atrás delas vem a família real vestindo trajes reais, composta pelo rei, pela rainha, pelo príncipe e pela princesa Isabel. Em seguida vem a percussão da comunidade quilombola, que marca o som e os ritmos das danças afro-brasileiras cantadas e dançadas durante o cortejo. Logo após, vem os negros libertos pintados de preto e vestindo trajes característicos da época. Na sequência vem o grupo de dança Afro-kizomba, que é uma turma de jovens da comunidade quilombola que dançam ritmos afro-brasileiros. Finalmente vem a equipe das Negras Marianas, que é um grupo de danças circulares e é formado por senhoras da comunidade quilombola.

Após o cortejo concluir o percurso e chegar ao local de onde partiu é servido um jantar a todas as pessoas que estiveram presentes. Em seguida vem o pronunciamento das autoridades políticas e quilombolas. É dada a palavra a todos os que trazem mensagens para a festa.

**Figura 18 - As Negras Mariamas, dançando no festejo da Abolição**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

É de suma importância salientar que a festa da abolição realizada em 13 de maio de 2022 foi a primeira vez sem a presença física de dona Juscelina, apesar de todos os receios de como seria a festa, se a comunidade teria condições de dar continuidade a este grande festejo que é a “cara” de dona Juscelina, mesmo assim, prevaleceu a empolgação de sempre e o desejo de fazer algo grande do tamanho que se tornou a nossa matriarca. A festa foi um sucesso como sempre, foi um misto de saudosismo e de vitória, porque a comunidade conseguiu andar sozinha, como ela sempre ensinou e sonhou.

Algo interessante que aconteceu nesta festa em particular, que pode ter passado despercebido, foi a grande quantidade de pessoas utilizando aparelhos tecnológicos, como: drones, câmeras e smartphones. Algo surpreendente, olhar para os lados e as pessoas, tirando fotos, filmando, gravando, postando, repostando.

Nas imagens a seguir poderemos observar esses diversos momentos, nos quais tudo é para ser postado em redes sociais, ou para ser transmitidos na tv ou nos canais do You Tube.

Destaca-se, também, que foi o primeiro grande evento após os casos mais graves da Pandemia do Covid19, pois, a pandemia ainda não havia se encerrado por completo, mas, mesmo assim, o povo veio e participou com todo entusiasmo

de sempre, fazendo com que este evento se tornasse um dos mais marcantes dos últimos anos.

**Figura 19 - As homenageadas da festa Dona Juscelina e Dona Cícera**



Fonte: Manoel Filho, 2019

Na imagem número 19, apresenta duas mulheres importante no conselho de Griô, duas lideranças. Dona Juscelina, a que foi descrita neste estudo e dona Cícera, Griô com curso técnico em enfermagem, realizado em Uberlândia, mas que contribuía muito com a comunidade através de seus quintais produtivos.

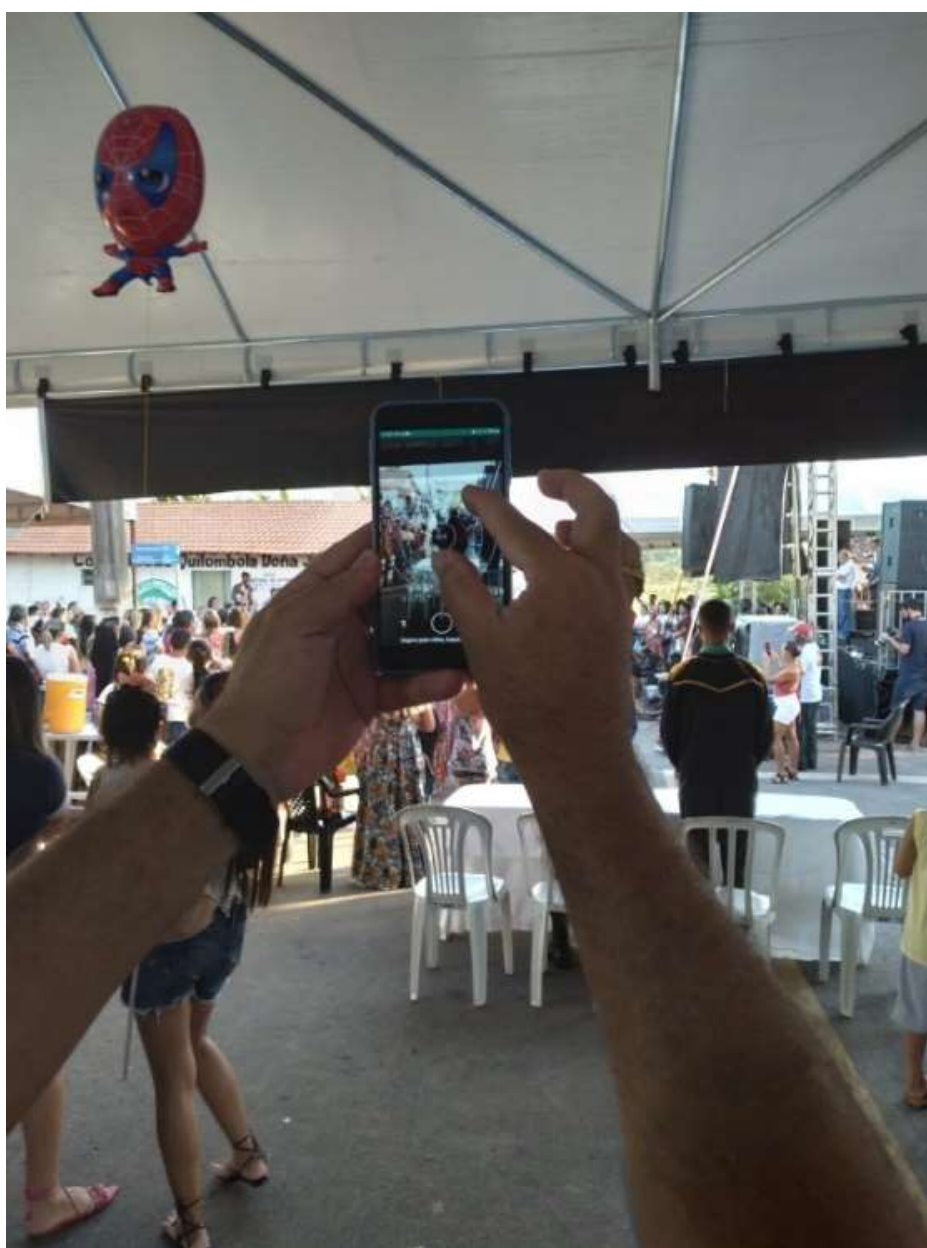
**Figura 20 - Visitantes filmando todo o cortejo, pelas principais ruas da cidade**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Esta imagem retrata o cortejo pelas principais ruas da cidade. Durante o evento, é comum observar visitantes com celulares e câmeras em mãos, registrando cada detalhe do desfile. Esse gesto não apenas demonstra o fascínio e a admiração pela riqueza cultural quilombola, mas também contribui para a preservação e disseminação dessas tradições. Ao compartilharem os vídeos nas redes sociais, os espectadores ajudam a dar visibilidade à luta e à resistência histórica do quilombo, promovendo uma maior valorização e reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro.

**Figura 21 - Durante o teatro da abolição um registro da foto da foto**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na próxima imagem apresenta a presença do carro de som e de cinegrafistas, equipados com tecnologia de ponta, como drones, evidencia a integração entre tradição e modernidade na celebração de sua cultura. No Quilombo Dona Juscelina, o carro de som amplifica vozes e ritmos que narram histórias e reivindicações da comunidade, enquanto os drones sobrevoam o evento, capturando imagens aéreas que revelam a grandiosidade do cortejo e a beleza das expressões culturais quilombolas. Essa cobertura midiática não apenas documenta o evento, mas também amplia o alcance da mensagem do quilombo, levando sua história, identidade e luta por reconhecimento a públicos distantes, promovendo, assim, maior visibilidade e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro.

Figura 22 - Carro de som e cinegrafista fazendo a cobertura do evento com uso de drones



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na imagem 23, é possível observar uma visitante imersa na celebração do dia 13 de maio no Quilombo Dona Juscelina, data em que se comemora a abolição da escravidão no Brasil. A expressão de alegria e envolvimento da participante reflete a energia vibrante do evento, que une memória histórica e celebração cultural. Essa interação entre visitantes e comunidade demonstra como as festividades do quilombo transcendem o espaço local, convidando o público a compartilhar e valorizar as tradições e lutas que moldam a identidade quilombola.

**Figura 23 - Visitantes fazendo a cobertura do nosso evento**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na imagem abaixo, um cinegrafista de um canal de TV é capturado em plena cobertura do evento no Quilombo Dona Juscelina, evidenciando a relevância cultural e social das celebrações ali realizadas. A presença da mídia profissional reflete o interesse em registrar e divulgar a riqueza das tradições quilombolas, além de contribuir para ampliar a visibilidade das comunidades e suas histórias. Por meio do olhar atento da câmera, momentos significativos do evento são eternizados e compartilhados com um público mais amplo, promovendo o reconhecimento e a valorização do patrimônio imaterial e da resistência histórica dos quilombos no Brasil.

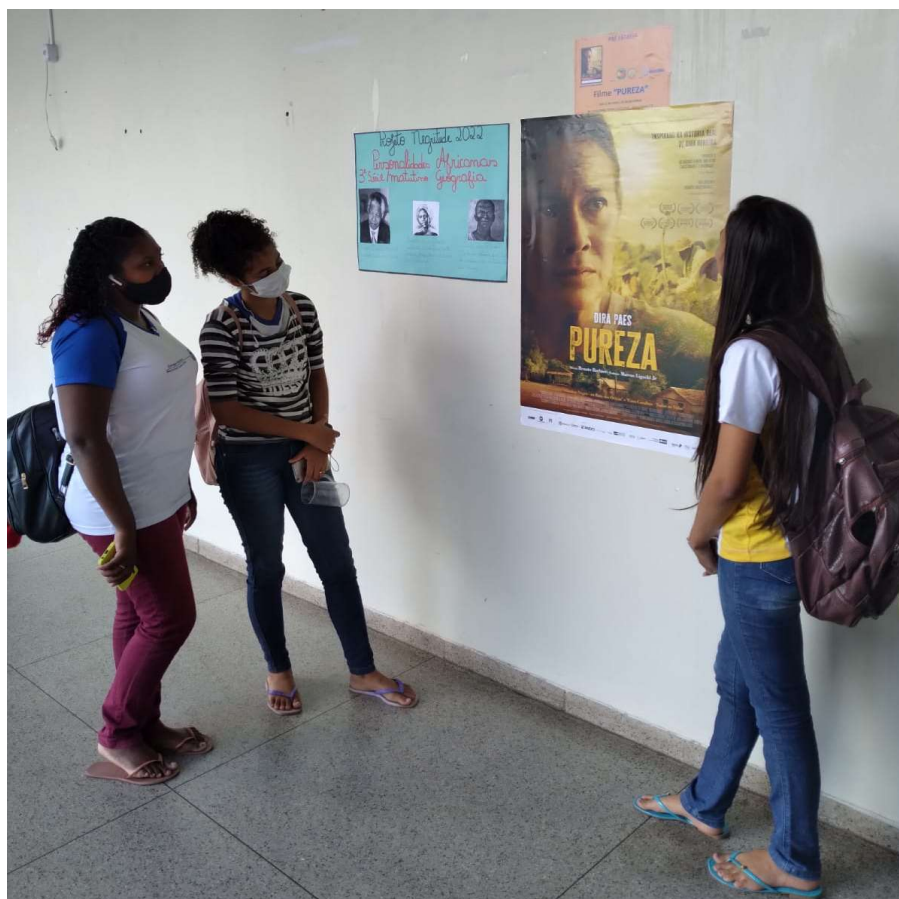
**Figura 24 - Cinegrafista de um canal de TV em cobertura do evento**



Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na figura 24 se apresenta o cinegrafista de um canal de TV, em cobertura do evento e transmitindo ao vivo nas principais plataformas digitais. É importante destacar que na comunidade quilombola dona Juscelina há várias formas de divulgar os eventos e reuniões e apesar de que em 2024 a forma mais utilizada são as redes sociais, ainda é muito comum para a nossa realidade o uso de cartazes e carros de som. Na figura 28 observamos alguns alunos do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva, observando o cartaz de divulgação do filme *Pureza*. Percebemos que em nossa comunidade, são diversificadas as formas de divulgar os eventos, usamos desde cartazes, carro de som, redes sociais aos recados de boca em boca.

**Figura 25 - Alunos do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva lendo a divulgação do filme *Pureza***

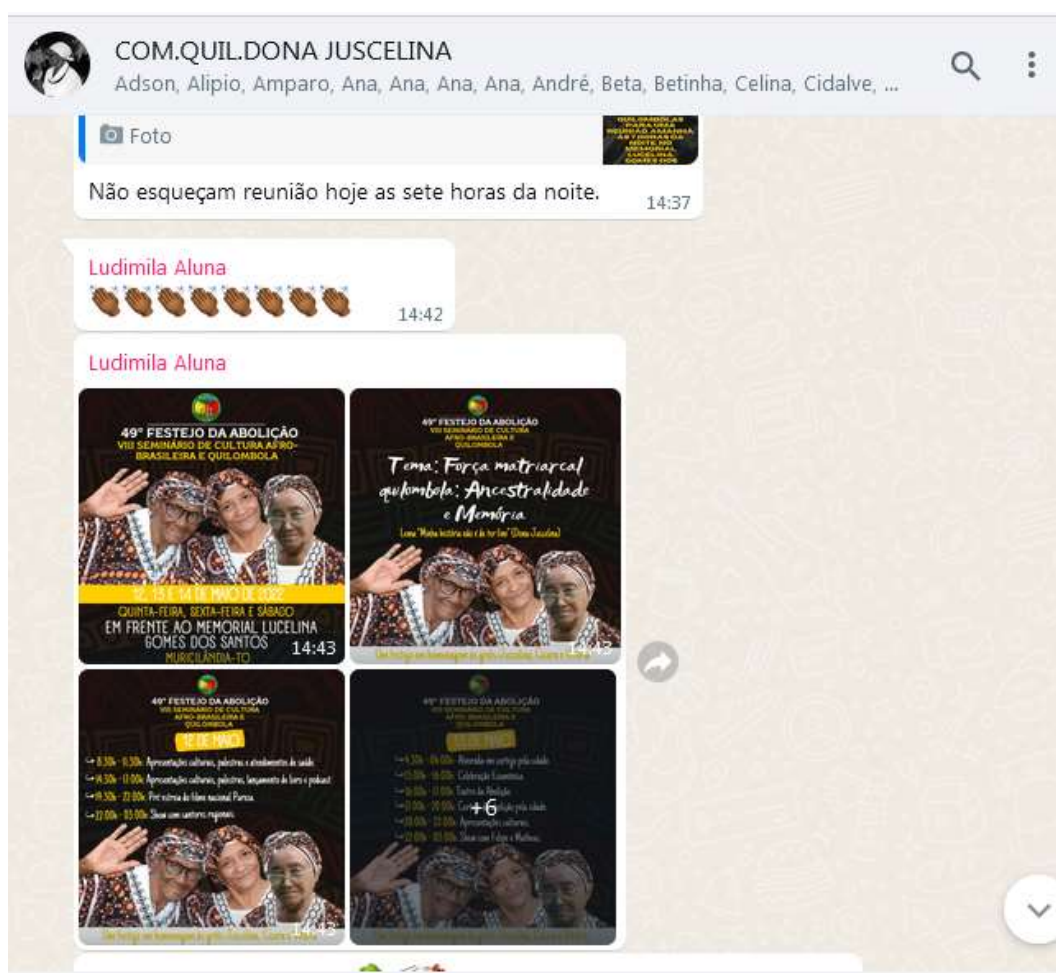


Fonte: Acervo do Autor, 2023.

Na imagem acima, alunos do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva aparecem lendo atentamente a divulgação do filme *Pureza*, evidenciando o impacto

das atividades educativas que promovem reflexões críticas sobre temas sociais relevantes. A exibição do material estimula a curiosidade e o engajamento dos estudantes, possibilitando que eles conheçam histórias de resistência e luta contra injustiças, como as abordadas no filme. Essa interação entre arte, cultura e educação contribui para o desenvolvimento da consciência cidadã, incentivando os jovens a compreenderem as realidades sociais e a valorizarem iniciativas que destacam a importância da justiça e dos direitos humanos.

**Figura 26 - Divulgação do 49º festejo da abolição no grupo de WhatsApp do Quilombo Dona Juscelina**



Fonte: Autor, print de tela.

As imagens 26 e 27 revela a divulgação do 49º festejo da abolição compartilhada em um grupo de WhatsApp do Quilombo Dona Juscelina, destacando o papel das tecnologias digitais na preservação e promoção da cultura

quilombola. Essa prática demonstra como as comunidades tradicionais têm se adaptado aos meios contemporâneos de comunicação para fortalecer sua identidade e ampliar o alcance de suas celebrações. Além de facilitar a mobilização dos membros e a organização do evento, o uso do WhatsApp também reforça os laços comunitários, permitindo a troca de informações e a participação ativa de todos na perpetuação da memória e da história do quilombo.

**Figura 27 - Divulgação do 49º festejo da abolição no grupo de WhatsApp do Quilombo Dona Juscelina**



Fonte: Autor, print de tela.

Na imagem a seguir apresenta o Cortejo da Abolição, capturada por drones e postada no Instagram oficial da Prefeitura Municipal de Muricilândia, oferece uma perspectiva ampla e detalhada da celebração. Vista de cima, a organização do evento, a participação da comunidade e a presença cultural tornam-se ainda mais evidentes. Essa postagem nas redes sociais destaca não apenas o apoio institucional à memória histórica do Quilombo Dona Juscelina, mas também a utilização de plataformas digitais para ampliar o alcance e a visibilidade do evento. Por meio dessa abordagem, a Prefeitura contribui para valorizar e divulgar a cultura quilombola, conectando-a a públicos mais amplos e reforçando a relevância histórica e social do festejo da abolição.

Figura 28 - Cortejo da Abolição mostrado de cima, por drones e postado no Instagram oficial da Prefeitura Municipal de Muricilândia



Fonte: Autor, print de tela.

Na figura 29 e 30 pode-se perceber o uso das redes sociais oficial da comunidade para divulgação de ações a serem realizadas.

**Figura 29 - Drone filmando de perto a faixa de divulgação do evento**



Fonte: Autor, Print de tela.

Destaca-se que o uso de drone nos eventos da comunidade, está se tornando algo corriqueiro. Observa-se que as imagens acima são utilizadas nas redes sociais tanto da comunidade como dos seus membros e outras pessoas que vem de fora participar. O uso corriqueiro das novas tecnologias digitais contribui com a divulgação da comunidade como observa na entrevista com Manoel Filho.

As tecnologias trouxeram uma ressignificação para a comunidade, pois com a evolução das tecnologias todos crescemos e aprendemos e depois do medo do novo, foi-se aprendendo, fomos nos adaptando ao novo, até chegarmos ao ponto de normalizarmos, de fazermos uso delas como algo normal e corriqueiro do nosso dia a dia e esse sem sobra de dúvidas, foi um legado deixado por Dona Juscelina, uma mulher que estava muito à frente do seu tempo. (Entrevista com Manoel Borges Filho, data?).

Estes relatos nos levam a compreender que as tecnologias digitais na comunidade são utilizadas principalmente pelos jovens, mas com benefícios para a preservação da cultura tradição e do patrimônio histórico imaterial do quilombo, este patrimônio fica mais acessível e fácil de preservar com ajuda desses mecanismos oferecidos pelo mundo digital.

Além disso, as tecnologias digitais desempenham um relevante papel na conexão entre gerações dentro da comunidade quilombola. Ao incorporar essas ferramentas em atividades culturais e educativas, os jovens não apenas preservam as tradições, mas também as reinterpretam e as adaptam às novas realidades. Esse processo de digitalização permite que as histórias, músicas, danças e outras expressões culturais do quilombo sejam documentadas, arquivadas e compartilhadas de forma ampla, garantindo que o patrimônio imaterial não se perca com o tempo.

### 4.3 ORIGEM DOS GRIÔS E SUA IMPORTÂNCIA PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Neste capítulo buscamos debater e chegar em uma compreensão da relação existente entre o Coletivo de Griôs da Comunidade Quilombola Dona Juscelina (CQDJ) em Muricilândia –TO com a memória, bem como as relações dos mesmo com a comunidade. Destacando a griô de representatividade Dona Luscelina Gomes dos Santos (*in memorian*) griô e matriarca da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia, Tocantins. Para uma melhor compreensão, griôs em Souza (2012) são:

[...] os mais antigos ou entre aqueles que funcionam como guardiões da memória mais remota ou ancestral. Esses anciãos são os griôs que silenciam saberes e crenças ancestrais para salvaguardá-los da discriminação e da repressão a que historicamente são submetidos. Ao mesmo tempo, esses mesmos defensores da memória para fora compartilham com os destinados do grupo (aprendizes de griô) o seu conhecimento e a sua fé para que estes possam levar adiante os costumes e referenciais afro-brasileiros. (SOUZA, 2012.p.83)

Neste contexto, buscamos refletir sobre as conquistas resultantes da interlocução construída pelos guardiões das memórias e manutenção do legado deixado pela matriarca tanto na comunidade as contribuições desse colegiado para as novas gerações. Assim como, a representatividade da griô e matriarca Dona Juscelina, intrincada num deslocamento em diferentes espaços sociais, culturais e políticos, a exemplificar do quilombo à academia, no processo de construção da identidade quilombola e luta pelo território ancestral.

Buscamos neste estudo compreender a questão étnico racial como categoria determinante, procuramos novas perspectivas no estudo dos saberes ancestrais ensinados pelo Coletivo de Griôs desta comunidade e pensá-lo como um debate mais amplo. No âmbito da comunidade e em outros espaços comuns de aprendizagens e ensinamentos, no resguardo dos saberes afro quilombolas, participando ativamente das escolas.

Nesse sentido, trazemos para diálogo o Conselho de Griôs da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, elaborado e reproduzido a partir de suas formas de vida e particularidades, considerando o contexto histórico, estrutural e territorial em que está inserido.

Quando analisamos os povos descendentes de Quilombos, procedentes originais da diáspora, percebemos que ainda está em avanço a consciência dos direitos dos/as quilombolas, enquanto identidade étnico racial, seu direito ao território e territorialidade recriados e ressignificados ao longo do tempo.

Neste sentido entendemos que as novas tecnologias digitais se apresentam como um novo território de compartilhamento dos saberes griôs através das redes sociais. Em parceria com a Universidade Federal do Norte do Tocantins, foi desenvolvido um projeto levando recursos financeiros para investimentos nessas novas tecnologias. Em entrevista com a Griô Lena ela relatou a importância desses equipamentos para a comunidade.

Além do aspecto técnico, a Griô Lena destacou como esses novos recursos tecnológicos estão transformando a maneira como as tradições orais são transmitidas e preservadas na comunidade. Antes restritos ao ambiente local, os saberes griôs agora alcançam um público muito mais amplo, rompendo as barreiras geográficas e permitindo que as histórias, canções, e ensinamentos ancestrais do quilombo sejam compartilhados com o mundo.

Essa parceria com a Universidade Federal do Norte do Tocantins não só trouxe os equipamentos necessários, mas também promoveu capacitações que permitiram aos membros da comunidade, especialmente os mais jovens, aprender a usar essas ferramentas de forma eficaz. A Griô Lena ressaltou que, com esses recursos, os jovens da comunidade não apenas documentam as práticas culturais, mas também as editam e divulgam nas redes sociais, criando um arquivo digital vivo, que perpetua a tradição griô para as futuras gerações.

Através dessas iniciativas, o quilombo Dona Juscelina não apenas preserva seu patrimônio cultural, mas também se posiciona como um exemplo de como a tecnologia digital pode ser aliada na luta pela manutenção e revitalização das culturas tradicionais. Assim, o projeto se torna um modelo para outras comunidades quilombolas e tradicionais, mostrando que a união entre tradição e inovação é possível e extremamente benéfica.

**Figura 30: Imagem da Griô Lena**



Acervo Pessoal. 2024

Griô Lena, relatou momentos de sua infância na comunidade, compartilhando a memória subjetiva, mas que também faz parte da memória coletiva e dialoga com a memória da professora Rosa Mirtes, uma como aluna, outra como professora, mas que viveram momentos inesquecíveis. A griô relata que no seu tempo as coisas eram diferentes, a educação era outra, a malícia era pouca, e faz relato ainda que conversa com as memórias do Griô Dada.

Ve como era né antigamente, como foi que eu fui criada, todo mundo

banhando no Rio com 11, 12 anos pelado, porque ninguém tinha juízo ainda, tinha noção né, que homem/mulher, eu acho que ninguém sabia a diferença, aí eu contando que um tio meu né, levou todo mundo todos os sobrinhos, tio Graciliano disse pra minha mãe nenê, vou levar os meninos pra tomar banho, todo mundo sabia nadar, mas naquela época era perigoso, porque hoje não, hoje tá água pouca e tudo é pouco perigo. (entrevista com a Griô Lena, 2024).

São essas histórias que nossos jovens não terão mais oportunidades de conhecer e não estão nos livros, os Griôs são os guardiões dessas memórias e se encarregam de perpetuá-las. Nesse sentido, registramos essas vozes em contribuição para que, na posteridade, outros pesquisadores possam ter acesso a essas memórias.

Os griôs do quilombo Dona Juscelina têm sua própria configuração, mas contou com apoio de historiadores na formação desse coletivo, como relata o griô Dusanto (2024). “Veio o pessoal da história na universidade que estava ajudando organizar para conseguir nossas terras, e achou bom criarmos o conselho de Grôs”. Até o encontro com esses intelectuais a comunidade não conhecia sobre os griôs, mas já tinha a memória guardada e transmitida para filhos e netos nos encontros familiares.

Durante muitos séculos, o positivismo alemão considerava que a África não era civilizada, tendo em vista que ainda não dominavam a técnica da escrita. Segundo Oliveira e Nascimento (2016). Filósofos como George Hegel, no século XV, acreditava que a África não tinha história por não dominar a escrita. As escolas alemãs e francesas justificavam a história positivista a partir de métodos e dos documentos escritos, não aceitavam a oralidade como registro de memórias. No entanto essa incoerência na atualidade não é mais aceita.

No contexto da história da educação europeia, uma interpretação predominante surgiu, moldando a maneira como o conhecimento histórico foi ensinado e percebido nas escolas alemãs e francesas. Esta interpretação, muitas vezes referida como linear e eurocêntrica, fundamentou-se na concepção da história como uma progressão linear de eventos, delineada por causas e consequências claras. Sob essa perspectiva, a história foi concebida como uma disciplina que buscava coletar e esquematizar fatos, validando-os por meio de pesquisas escritas e análises meticulosas. Como observa-se na citação:

O reconhecimento e ideia aceita de que a literatura africana moderna nasce a partir da introdução da escrita em África pelos europeus levou a uma curiosa dicotomia no discurso crítico: a escrita é europeia, a oralidade é africana. E aquilo que é um fenómeno acidental passa a ser encarado como um fenómeno essencial. Ou seja, a "natureza" cultural africana é oral; são os europeus que vieram perturbar este estado "natural" e adâmico (LEITE, 2004, p. 15)

Na esteira do reconhecimento e aceitação generalizada de que a literatura africana moderna teve seu surgimento com a introdução da escrita no continente pelos europeus, emergiu uma dicotomia no discurso crítico. Nessa perspectiva, a escrita foi prontamente associada à influência europeia, enquanto a oralidade foi atribuída à tradição africana.

O que inicialmente poderia ser interpretado como um fenómeno contingente e histórico, a chegada da escrita ao continente, gradualmente transformou-se em uma suposta dicotomia essencial. Nesse entendimento, a "natureza" cultural africana passou a ser percebida como intrinsecamente oral, enquanto os europeus foram vistos como os disjuntores desse estado "natural" e "adâmico". Esse fenómeno, explorado por Leite (2004), lança luz sobre uma perspectiva complexa e profundamente enraizada na narrativa cultural e histórica do continente africano.

Durante muito tempo existia o pensamento eurocêntrico de que a história oral não era confiável e, portanto, a história contada através dela não deveria ser considerado como ciência e com isso o que valia era a história oficial através de documentos escritos. No entanto esta concepção mudou e a oralidade passou a ser respeitada, quando perceberam que os documentos também podem ser tendenciosos.

Segundo Thomson (1997) durante muitos anos os historiadores relutaram em aceitar testemunho oral como fonte de pesquisa preferindo utilizar os registros documentais e os lugares de memória como pura e autêntica voz do passado. Apresenta um resumo sobre as transformações sofridas pela história oral na Inglaterra e Austrália. Na década de 1970 nesses países sofreu influência dos historiadores críticos das fontes documentais, ou seja, fontes oficiais. Os críticos acreditavam que, como a história oral era acusada de ser tendenciosas, as fontes documentais também podem ser tendenciosas.

Joutard (200) considera a memória como uma ferramenta essencial para compreender o passado, o presente e o futuro, embora reconheça que, para

algumas abordagens científicas, como a ciência positivista, a memória oral pode ser vista com desconfiança como fonte de informações históricas.

Segundo Campos (2020) para a ciência positivista, a memória não era considerada uma fonte confiável para validar a história, especialmente quando transmitida oralmente. Isso sugere uma falta de confiança na tradição oral como meio de transmissão de informações históricas, devido à possibilidade de distorções ou interpretações subjetivas ao longo do tempo.

Enquanto antes a memória era vista apenas como lembranças isoladas, agora é reconhecida como parte integrante de um todo, essencial para compreender a realidade em termos de tempo e espaço. A memória é vista como um impulso para a ação futura, pois nos fornece insights e aprendizados do passado que podem influenciar nossas escolhas e decisões no presente e no futuro.

Para tratar de memória é relevante entender o que pensa Halbwachs (2003)

Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2003, p.79).

Segundo Halbwachs (2003), a memória surge de dois testemunhos: o que viu e o que viu pelos olhos dos outros. Existe a memória individual, que se faz das recordações dos outros e de si, e a memória coletiva, constituída de várias memórias coletivas. Pensando na memória coletiva e na tradição da transmissão pela oralidade acredita-se que os povos africanos, mesmo longe de suas terras, se preocuparam como essa memória chegava aos seus descendentes no futuro e destacando a relevância da casta dos Griôs.

Os griôs, também conhecidos como griots, são tradicionalmente encontrados em várias culturas africanas, especialmente na África Ocidental. Eles são membros de grupos étnicos específicos, como os mandingas, wolofs, fulanis, e muitos outros, e desempenham um papel crucial na transmissão oral da história, cultura, tradições e conhecimentos desses grupos.

A origem dos griôs remonta aos tempos antigos da África, onde a tradição oral era a principal forma de preservação e transmissão de conhecimento. Acredita-

se que os griôs tenham surgido como uma casta especializada em manter viva a história e a memória coletiva de suas comunidades. Como relata Almeida (2020).

A casta dos griôs é uma reminiscência da África Ocidental anterior às formas de comunicação tidas como modernas. É uma casta de contadores de história que, calcados na oralidade e na memória coletiva e genealógica de seu grupo, bem como de seu papel social, são os cronistas sociais e políticos de seu povo, enquanto transmissores de saberes, mantenedores de segredos específicos e produtor semântico responsável por uma espécie de literatura oral calcada no poder da narrativa (ALMEIDA, 2020 p.75).

Os griôs eram e ainda são altamente respeitados em suas comunidades, ocupando um papel de prestígio e autoridade. Eles atuavam como historiadores, genealogistas, contadores de histórias, músicos e poetas, utilizando uma combinação de narrativa, música, poesia e dança para transmitir os ensinamentos e tradições ancestrais.

Segundo Pessoa (2016) a tradição griô foi passada de geração em geração, com os conhecimentos e habilidades sendo transmitidos oralmente de pai para filho. Os griôs desempenhavam um papel importante em cerimônias e eventos sociais, como casamentos, funerais, festivais e rituais religiosos, onde eram chamados para compartilhar suas histórias e sabedoria com a comunidade.

Os anciãos significam riqueza, são fontes de compreensão dos elos entre passado e o presente das comunidades tradicionais na África ocidental, centradas na oralidade, na sacralidade da palavra, por meio da qual, de geração a geração, é possível conhecer a saga dos seus povos, suas lutas, costumes, relações sociais e de parentescos (PESSOA. 2016 P.02).

A tradição dos griôs foi preservada ao longo dos séculos, mesmo com a introdução da escrita e outras formas de comunicação. Em 2024, os griôs continuam a desempenhar um papel vital na preservação da cultura e identidade africanas, embora as mudanças sociais e tecnológicas tenham impactado a maneira como eles realizam seu trabalho.

Certamente um importante instrumento político, jurídico e cultural no processo de luta territorial em interlocução com o coletivo de Griôs e comunidade. Além de fortalecimento na manutenção do ser quilombola por meio do relacionamento intergeracional da juventude com os griôs, atribuindo valor social e

cultural aos guardiões das memórias.

A relação entre memória oficial e memórias subterrâneas, bem como o significado do silêncio em relação ao passado, frequentemente são associados a dinâmicas de dominação e poder. No entanto, é importante ressaltar que essa clivagem não se limita exclusivamente à oposição entre Estado e sociedade civil. Em muitos casos, encontramos esse fenômeno nas interações entre grupos minoritários e a sociedade em geral.

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários sociedade englobante (Pollak, 1989. p.04).

Michael Pollak (1989) aborda a complexa relação entre diferentes tipos de memória dentro de uma sociedade, destacando como a memória oficial e dominante muitas vezes se sobrepõe às "memórias subterrâneas" dos grupos minoritários. Ele sugere que a clivagem entre essas memórias não se limita simplesmente à oposição entre um Estado dominante e a sociedade civil. Em vez disso, essa clivagem é mais frequentemente encontrada nas relações entre grupos minoritários e a sociedade como um todo.

A memória oficial é aquela que é institucionalizada e promovida pelo Estado ou por outras autoridades dominantes. Ela tende a refletir os interesses e valores do grupo dominante, apagando ou minimizando as experiências e narrativas de grupos minoritários. Por outro lado, as memórias subterrâneas são as lembranças e narrativas que sobrevivem à margem da memória oficial. Essas memórias pertencem a grupos que não têm poder suficiente para influenciar ou moldar a narrativa oficial, como minorias étnicas, sociais ou políticas.

Os historiadores buscaram a memória da comunidade para comprovar diante do poder público a ancestralidade quilombola e o direito a demarcação das terras. Observa-se que foi utilizada a memória como instrumento de poder para beneficiar a comunidade. Deste modo, entendemos que os griôs são os responsáveis e guardiões do legado cultural e ancestral da comunidade, tanto material quanto imaterial, que são entregues ou transmitidos aos descendentes por meio da oralidade. Esta oralidade também se faz em espaços de aprendizagens

pelo coletivo de griôs. Especialmente pelas griôs mulheres, na vivência e interlocução com as universidades, quanto tanto na comunidade quanto nos espaços acadêmicos.

Neste contexto, observando Hooks (2008), a língua desempenha um papel crucial na luta do povo negro. Ela é vista como um instrumento compartilhado que possibilita a reconstrução do senso de comunidade e a criação de uma solidariedade política essencial para resistir às opressões. Nesse sentido, a língua torna-se um espaço de resistência, enquanto a oralidade fortalece uma cultura que sustenta e perpetua essa luta.

O coletivo de griôs é composto na sua maioria por mulheres, fato que fortalece a oralidade pelas mulheres quilombolas desta comunidade, como assevera Dealdina, 2021 estas “exercendo papéis ativos na sociedade, temos conquistados espaços importantes na elaboração e execução de políticas públicas como perspectiva de gênero, raça e geracional.” Deste modo, se tratando das mulheres griôs e principalmente da matriarca Dona Juscelina, esta trazia em suas narrativas enquanto líder orgânica, a luta, ponto nevrálgico nas interlocuções em torno da realidade dos povos quilombolas que busca a titulação do território. Como podemos observar na foto a seguir:

**Figura 31: Conselho de Griôs – nova formação.**



Fonte: Acervo do Conselho de Griôs.

Enfim, o coletivo de griôs com a sua diversidade e representatividade das mulheres griôs, traz ensinamentos por seus deslocamentos que “conhecer e transmitir o conhecimento da sua história entre mulheres quilombolas é um gesto

transgressor de transformação” (p. 40). Ensina, assim, para todos, comunidade local, comunidade acadêmica e principalmente para as mulheres quilombolas que é preciso conhecer a própria história e da comunidade, como uma estratégia de fortalecimento enquanto comunidade e da identidade quilombola.

Essa diversidade entre os membros do conselho de griôs contribui muito com a construção da aprendizagem pela juventude tendo em vista que queda participante tem algo a compartilhar com a nova geração. O conhecimento destaca, por exemplo, a sustentabilidade, ensinando como utilizar os recursos naturais de forma que continue para o futuro.

Na imagem a seguir observamos O Griô Dada, pescador e protetor do Rio Murici, no pátio de uma escola e que foi compartilhar seu conhecimento. Em entrevista relatou como era o rio no passado, navegável a única estrada ligando a vários municípios.

Figura 33: Seu DADA Griô do Rio



Fonte: Imagem do acervo do pesquisador. 2024

Seu Dada, viajava rio acima e rio abaixo levando passageiro, transportando mercadorias e compartilhando história. Como observa-se na entrevista concedida pelo Griô Dada:

Fico triste em ver o Rio Murici hoje, tudo está mudado, a água esta suja, não tem mais peixes como antigamente. Eu e meus colegas sempre

pescávamos mas tínhamos o cuidado de preservar os peixes durante a piracema, mesmo antes de ter a Lei, porque sabíamos que poderia faltar. O Rio hoje esta cheio de lixo, tudo joga dentro dele, pneus, geladeiras velhas, colchão. (Entrevista com seu Dada, 2024)

Esta é sua memória individual, mas quando a analisamos percebemos que faz parte da memória coletiva de vários membros da comunidade. O conceito de memória, tanto coletiva quanto individual, proposto por Maurice Halbwachs (1990), oferece uma lente poderosa através da qual podemos entender não apenas o passado, mas também o presente e o futuro de uma sociedade. Ao reconhecer a interação dinâmica entre as lembranças compartilhadas por um grupo e as experiências pessoais de seus membros.

Para Halbwachs (1990) a memória não é apenas um registro estático do que aconteceu, mas sim uma construção ativa e contínua, moldada pelas interações sociais, pelas narrativas dominantes e pelas mudanças históricas. Ao compreendermos melhor as nuances da memória coletiva e individual, podemos contribuir para uma maior compreensão mútua, empatia e respeito dentro de nossas comunidades e sociedades, construindo assim um futuro mais justo, inclusivo e solidário.

Relacionado a esta teoria, o Griô Dada, aponta as transformações que ocorreram na natureza com o passar do tempo. Sua memória traz uma visão de proteção do Rio e da natureza do passado e faz uma comparação com atualidade. O conhecimento prático desse griô possibilita a compreensão sobre a importância de se preservar o meio ambiente.

As coisas mudou, mudou tudo, tudo, tudo, hoje o fazendeiro pede licença pra fazer uma derrubada e acaba é derrubando muito mais do que o que foi combinado e com isso atingi os córregos pequenos e eles não conseguem encher o rio maior, como é que vem chuvas desse jeito acabando com tudo? Até o inverno está mudando, acabou a caça, acabou os peixes, porque na minha época tinha muito peixe e muita caça e hoje acabaram com tudo. Tanto estudo que o homem tem e por ele mesmo acaba com a natureza. (Entrevista Dada 2024).

A memória do senhor Dada também faz parte da memória coletiva dos moradores mais antigos de Muricilândia, bem como dos próprios griôs. Este conhecimento acumulado pela experiência é utilizado para compartilhar com a juventude quilombola durante os encontros intergeracionais promovidos nas escolas ou na própria comunidade.

Pollak (1989), considera que os estudos contemporâneos sobre memória coletiva reconhecem seu potencial problemático e adotam uma perspectiva construtivista, analisando como os fatos sociais são solidificados e ganham estabilidade. Essa abordagem investiga os processos e atores envolvidos na constituição e formalização das memórias, destacando a importância das memórias subterrâneas de grupos marginalizados em oposição à memória nacional oficial.

Esse reconhecimento do caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva já anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno. Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (Pollak, 1989, p. 02).

Percebemos a diversidade de lembranças do passado entre os griôs, que fazem parte da memória coletiva da comunidade. Algumas memórias estão silenciadas para um, mas viva para outro, e desta forma o conselho e os griôs são os guardiões da memória coletiva do Quilombo Dona Juscelina.

Pollak (1989) ressalta que o esquecimento e o silêncio não são necessariamente negativos, pois podem ser mecanismos de defesa ou formas de lidar com traumas e conflitos passados. Ele destaca a importância de reconhecer e confrontar os silêncios e esquecimentos na construção da história, a fim de promover uma compreensão mais completa e inclusiva do passado.

Observamos que quando entrevistamos dona Rosa Mirtes ela se lembra de algumas pessoas que compartilhou com ela a construção da primeira escola, da variedade de alunos, como que esses alunos se alimentavam, quais os materiais eram utilizados nas salas de aula.

Eu criei a primeira escola aqui na comunidade. Faz muito tempo, era muito menino que não tinha onde estudar. Consegui um local e alguns homens para ajudar construir pedimos a palha para um fazendeiro[...] ele arrumou a palha fizemos um barracão de chão batido onde eu dava aula para as crianças. Na hora do lanche? Não era igual agora eu arrumava o milho pilava no pilão e fazia cuscuz. (Rosa Mirtes, fevereiro de 2024).

A entrevistada apresenta uma memória que além de ser subjetiva faz parte da memória coletiva do quilombo. Traz sua experiência à frente de uma escola e como funcionava esta referida. Para ela essa memória tem um significado e por

isso não é silenciada para outros moradores da comunidade. Essa memória coletiva só vem à tona quando é de alguma forma incitada. Esta citação narra o testemunho da primeira professora do quilombo Dona Juscelina, mas também da primeira professora do Município de Muricilândia.

**Figura 34: Imagem Professora e Griô Rosa Mirtes**



Fonte: Acervo do Pesquisador, 2024.

Halbwachs (1990) nos sugere que recorremos a testemunhos para ampliar nosso entendimento sobre um evento, seja para reforçar ou enfraquecer nossa compreensão inicial, ou para preencher lacunas em nosso conhecimento sobre o assunto. Mesmo quando estamos informados sobre um evento de alguma forma, ainda pode haver muitas circunstâncias obscuras ou desconhecidas. Nesse

sentido, o autor destaca que a primeira testemunha à qual sempre podemos recorrer somos nós mesmos.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento de qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscura. (Halbwachs, 1990, p. 25).

Isso significa que nossa própria experiência e percepção do evento podem fornecer informações valiosas e complementares às fontes externas. Ao refletir sobre nossas próprias vivências e observações, podemos contribuir significativamente para a compreensão mais completa do evento em questão. Em última análise, o texto enfatiza a importância de olhar para dentro de nós mesmos como uma fonte inicial e fundamental de testemunho e compreensão.

Entre os Griôs encontramos outro que traz de forma leve e descontraída contando história e cantando músicas de sua autoria que enaltece a tradição e a memória da comunidade Quilombola dona Juscelina, mas também o próprio município de Muricilândia. Estamos tratando aqui do respeitável senhor Dos Santo.

**Figura 35: Seu Dos santos - Griô**



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2024.

O Griô Dos Santos, traz em sua memória a religiosidade do povo quilombola,

suas lembranças sobre os grupos que passavam de casa em casa fazendo suas orações, sua memória também sua memória retrata como era a criação dos filhos, todos acompanhavam os pais nas suas profissões. Segundo ele a primeira educação era através da prática passada de pai para filho.

Seu Dos Santos como é carinhosamente chamado pelos membros da comunidade, é o Griô que interage também através da música, como na letra a seguir:

Lá longe, bem distante no tempo  
Na vivência de um povo no sertão  
As memórias se fundem pra criar  
E levar para frente a tradição

Como árvores fecundas  
De raízes profunda, não cairão  
Transmitiremos o recado  
Do povo do passado  
Às futuras gerações (bis)

Aos mais velhos a missão  
De fazer a transmissão  
Aos jovens do presente  
Que no futuro serão  
Representantes legais  
Os guardiões das memórias  
Da tradição ancestral  
**Autor (Dos Santos)**

A música expressa a profunda conexão entre o tempo, a memória e a tradição cultural, especialmente em contextos como o sertão, onde a vida é marcada por uma rica herança ancestral. A letra enfatiza a importância de preservar as tradições e valores que definem a identidade de um povo, passando essas memórias adiante de geração em geração.

A primeira estrofe, "Lá longe, bem distante no tempo / Na vivência de um povo no sertão / As memórias se fundem pra criar / E levar para frente a tradição," sugere que as tradições do sertão são tecidas a partir de memórias coletivas, acumuladas ao longo do tempo. Essas memórias, longe de serem estáticas, estão em constante recriação, moldando-se às novas realidades, mas sempre mantendo a essência do passado.

Na sequência, a comparação das tradições com "árvores fecundas / De raízes profundas, não cairão" simboliza a resiliência e a força dessas tradições. As raízes profundas indicam que essas práticas e valores culturais estão firmemente

estabelecidos na comunidade, tornando-se difíceis de erradicar ou esquecer. Assim como árvores que resistem às tempestades por causa de suas raízes firmes, as tradições do sertão permanecem firmes, mesmo diante das mudanças.

O refrão, "Transmitiremos o recado / Do povo do passado / Às futuras gerações," reforça a ideia de continuidade e responsabilidade coletiva. A missão de transmitir as tradições não é apenas um dever, mas uma forma de manter viva a identidade de um povo. As futuras gerações não são apenas receptores passivos dessa herança; elas se tornam os novos guardiões das memórias, encarregados de preservar e adaptar essas tradições ao longo do tempo.

Na última parte da letra, "Aos mais velhos a missão / De fazer a transmissão / Aos jovens do presente / Que no futuro serão / Representantes legais / Os guardiões das memórias / Da tradição ancestral," a música destaca o papel crucial dos mais velhos como transmissores de sabedoria. Eles têm a responsabilidade de ensinar e orientar os jovens, que por sua vez, carregarão essa herança cultural adiante. Essa passagem de conhecimento garante que a identidade e os valores de um povo não sejam perdidos, mas sim preservados e renovados ao longo das gerações. Este trecho da música traz a alma do Conselho de Griôs da Comunidade Dona Juscelina.

A letra da música celebra a importância da memória coletiva e da tradição como pilares fundamentais da identidade cultural. Ela nos lembra que o passado e o presente estão intrinsecamente ligados e que é dever de cada geração proteger e transmitir as riquezas culturais às próximas, assegurando que elas perdurem e floresçam como árvores com raízes profundas. Esta expressão artística de Dos Santo demonstra o conhecimento que o Griô tem da relevância da memória coletiva e da tradição.

Neste sentido Maurice Halbwachs (1990) considera a memória coletiva como crucial para a formação e manutenção da identidade de um grupo. Segundo ele, é através da memória coletiva que as identidades culturais e sociais são formadas e preservadas, pois as lembranças individuais são sempre inseridas dentro de uma rede de memórias compartilhadas por um grupo.

Halbwachs (1990) também enfatiza que a memória coletiva é transmitida dentro de grupos sociais através de interações e práticas compartilhadas. Ele acredita que essa transmissão é essencial para a perpetuação da identidade e

coesão do grupo. Os "guardiões da memória" em uma sociedade, que podem ser os mais velhos ou instituições culturais, desempenham um papel vital na manutenção e transmissão dessas memórias. Na questão dos Griôs entendemos que são na Comunidade Quilombola são esses guardiões.

Tanto a interpretação da música quanto o pensamento de Maurice Halbwachs convergem na ideia de que a memória coletiva é um elemento vital na preservação da identidade cultural. Ambos destacam a necessidade de continuidade e transmissão das tradições culturais para as futuras gerações, garantindo que a essência de um povo perdure. A memória coletiva, como Halbwachs a concebe, é um processo dinâmico que conecta o passado ao presente, e essa visão é refletida na interpretação da música, que celebra essa ligação como essencial para a sobrevivência e florescimento da cultura.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução e disseminação das tecnologias digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia, Tocantins, entre 2015 e 2022, representam um exemplo significativo de transformação cultural. Este período foi marcado por uma série de mudanças que afetaram diversos aspectos da vida comunitária, desde a educação e economia até a preservação e expressão cultural.

A luta pelo território quilombola ganhou um impulso através das redes sociais, das manifestações e os anseios da comunidade que chegaram mais longe atingindo seus objetivos. As vozes relevantes da comunidade, como de Dona Juscelina e Dona Cícera, foram ouvidas nos territórios das universidades, através de plataformas digitais, os saberes dos Griôs puderam ser transmitidos ao vivo e compartilhando suas histórias através da tecnologia de comunicação. Os convites para participarem das festas culturais na comunidade atingiram um público maior. Neste sentido, acreditamos que as tecnologias de comunicação digitais contribuíram significativamente para preservação e difusão da cultura e da tradição.

Um dos efeitos mais visíveis das tecnologias digitais na comunidade foi na área da educação. Antes de 2019, o acesso a recursos educacionais era limitado, com poucos materiais disponíveis e dificuldades no acesso à informação. Com a chegada de computadores e internet, os estudantes da comunidade passaram a ter acesso a uma ampla gama de materiais educacionais online, cursos à distância e plataformas de aprendizagem. Esse acesso ampliou as oportunidades educacionais, permitindo que os jovens quilombolas tivessem um aprendizado mais robusto e diversificado.

Apesar dos benefícios, a adoção das tecnologias digitais também trouxe desafios. A comunidade enfrentou dificuldades relacionadas à infraestrutura, como a falta de acesso constante à internet de alta qualidade, e a falta de equipamentos. Em relação a falta de equipamento, e segundo a Griô Lena, foi aprovado um projeto da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, que possibilitou adquirir equipamentos para melhorar essa infraestrutura. Além disso, houve resistências iniciais por parte de alguns membros, preocupados com a influência externa e a possível perda de valores tradicionais. O equilíbrio entre a modernização e a preservação da identidade cultural tornou-se um tema central de debate dentro da

comunidade.

A análise da introdução e disseminação das tecnologias digitais na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia, Tocantins, entre 2015 e 2022, revela um panorama de transformações culturais profundas e multifacetadas. Durante este período, a comunidade experimentou uma série de mudanças que evidenciam tanto os benefícios quanto os desafios da era digital.

As transformações culturais observadas na Comunidade Quilombola Dona Juscelina entre 2015 e 2022 destacam a importância das tecnologias digitais como catalisadoras de desenvolvimento e inclusão social. Ao mesmo tempo, enfatizam a necessidade de abordar as questões de infraestrutura e resistência cultural com sensibilidade e respeito. O equilíbrio entre modernização e preservação cultural é essencial para que comunidades como a de Dona Juscelina possam prosperar no mundo digital, sem perder de vista suas raízes e identidades únicas.

Essa experiência serve como um exemplo inspirador para outras comunidades quilombolas e tradicionais que buscam navegar pelos desafios e oportunidades da era digital, demonstrando que, com apoio adequado e estratégias inclusivas, é possível transformar a realidade local de maneira positiva e sustentável.

## 6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019.

Almeida, M. B. de, & Barreto, R. M. (2022). SER QUILOMBOLA: EXPRESSÕES DE IDENTIDADE QUILOMBOLA CONSTRUÍDAS NA COMUNIDADE DONA JUCELINA. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 14(Ed. Especi), 89–109. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1419>

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. **A importância da História Oral como metodologia de pesquisa**. Anais eletrônicos da IV Semana de História do Pontal/III Encontro de Ensino de História|ISSN:2179 5665. Universidade Federal de Uberlândia Campus de Pontal, Ituiutaba-MG|29/11 a 02/12/2016. Disponível em <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosedoliveiraalves.pdf>> Acessado em 16/07/2021.

ANGELO, Alexandre Martins do. SILVA, Gláucia Eunice Gonçalves da. **Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) na Educação**. Brasília. Universidade Aberta do Brasil. 2018.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Entre o quilombo e a cidade: trajetórias de individuação de jovens mulheres negras**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

BORGES, Manoel Filho. **Os quilombos da Romaria: Linha do Tempo, Protagonistas e Instituições**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Pós-graduação em Estudo de Cultura e Território-PPGCULT.UFNT. Araguaína. 2022.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular -BNCC. MEC. Brasília. 2018.

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira**. Senado Federal. Brasília. 1998. Disponível em <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)> Acessado em Fevereiro/2024.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Secretaria de Educação. Brasília. 2013.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Senado Federal. Brasília. 2012.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALO, Marly Monteiro de. LAURINDO, Fernando José Barbin. RABECHINI, Jr. Roque. SHIMIZU, Tamio. **O papel da tecnologia da informação (TI) na estratégia das organizações**. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0104->

[530X2001000200005](#) Acessado em março/2023.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede** - a era da informação: Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Identidade**: A construção de um sentimento. In: \_\_\_\_\_. **Transexualidades**. 2. ed. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria**: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny, **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social**: contribuições conceituais e metodológicas [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 318 p. ISBN 978-85-7879-327-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org> Acessado em Março/2025

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

DUMOULIN. Anne. GUIMARÃES. Terezinha Stella. **Padre Cícero por ele Mesmo**. São Paulo. Editora Vozes. 2015.

FARIAS, Digiane da Silva. **Entre o parto e a benção: Memórias e saberes de mulheres que partejam. Bragança**. Dissertação de (Mestrado em Linguagem e Saberes na Amazonia) Programa de Pós-graduação de Mestrado Linguagem e Saberes na Amazonia. UFPA. Universidade Federal do Pará. 2013.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quadro das Comunidades Remanescentes Quilombolas certificadas até a data de 16 de junho de 2021**. Disponível: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-15-06-2021.pdf>. 30 jul. 2021.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Gerd Bornheim. **Cultura brasileira: tradição contradição**. Rio de Janeiro: J. Zahar FUNARTE. Núcleo de Estudos e Pesquisas. (1987)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo. Editora Atlas. 2002.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2016

HAESBAERT, Rogério. **Dilema de Conceitos: espaço-território e contenção territorial**. In: **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: um Debate**. GEOgraphia, n. 17, 2007. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/213/205>> Acesso em: mar. 2016.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Editora Vértice.2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, p. 103 -133, [1996] 2000.

HOSBBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEITE, Ana Amélia. Oralidades e escritas na literatura africana. 2 ed. Edições Colibri: Lisboa/PT, 2004.

LIMA, Heloisa Pires. Hernandez, Leila. **Toque do Griôs: memórias sobre contadores de histórias africanas**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

LUVIZOTTO, CK. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books. Acessado em maio/2024.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

MEIHY. José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições

MILHOMEM, Jannete da Silva. **Quintais produtivos das mulheres quilombolas griôs do quilombo dona Juscelina, Muricilândia - TO**: Perspectivas de práticas educativas e culturais (2018-2021). Dissertação (Mestrado Interdisciplinar) Programa de Pós-graduação em Cultura e Território – UFT. Araguaína - TO 2021.

MURICILÂNDIA. Lei Orgânica, Câmara Municipal de Muricilândia, 20 de dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e Territorialidade nos limites do rural e urbano na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Dissertação (Programa de Estudos de Cultura e Território), Universidade Federal do Tocantins, Araguaína - TO. 2018.

OLIVEIRA. Julvan Moreira de. NASCIMENTO. Sergio Luís do. **A construção do Legado: A negação de uma epistemologia Filosófica Africana**. Revista da ABPN • v. 8, n. 19 • mar. 2016 – jun. 2016, p.177-194.

- PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Vivências Cotidianas de Parteiros e ‘Experientes’ do Tocantins**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Revista Estudos Feministas. São Paulo, 2002.
- POLANYI, Karl. **A subsistência do Homem e Ensaio Correlatos**. São Paulo: Ed. Contrapontos, 2012.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15
- POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração de saberes. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 3-15, out. 2008.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos De Saberes y de Territorios: diversidad y emancipación a partir de la experiencia latino-americana. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, Volume 8, Nº 22,2009, p. 121-136.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. –** Novo Hamburgo: 2013.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: Sobre a Trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.
- SANTOS, Katiane da Silva. **Do Passado ao Presente: a festa 13 de maio da comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 210 f.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão popular, 2013. SAQUET, Marcos A. Por uma Abordagem Territorial. In: **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. Abordagens e concepções sobre território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.]
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. **Quilombos: identidade e história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TELESI Júnior, E. **Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS**. Estudos avançados, 2016. Disponível em <doi: 10.1590/S0103-40142016.00100007> Acesso em 19 de agosto de 2021.
- THOMPSON, Alistair. **Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias**. Projetos Histórico (15). Ética e História Oral. São Paulo. Educ. 1997.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

TOCANTINS. **Lei Estadual nº 259**, de 20 de fevereiro de 1991

TOCANTINS. **Lei Estadual nº 498**, de 21 de dezembro de 1992

TOCANTINS. **Projeto Político Pedagógico – PPP do COLÉGIO ESTADUAL MARECHAL COSTA E SILVA**. Muricilândia – TO.

UNESCO. **Fundamentos da nova Educação**. Edição publicada pelo Escritório da UNESCO no Brasil. 1996.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental**. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 623 f.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp 1979.

## 6. ANEXOS

### ANEXO A

ENTREVISTA COM MANOEL FILHO, PRESIDENTE DO QUILOMBO DONA JUSCELINA.

Qual a sua relação hoje com as tecnologias?

O presidente da Comunidade Quilombola Dona Juscelina Manoel Filho Borges diz que: No que tange a minha relação com a tecnologia e o eu quilombola pessoa de dentro da comunidade se eu não vejo a comunidade dissociada das tecnologias e nem eu também, olho pra comunidade e vejo que nesse percurso ancestral ela foi sendo construída cada nova etapa através da evolução das próprias tecnologias.

Eu falo isso para a gente entender que a Comunidade Dona Juscelina, ela se pauta muito pela tradição, nós chamamos de tradição na comunidade é aqueles costumes lá de trás. As práticas, os costumes herdados lá atrás e transmitidos para as gerações seguintes, mas se a gente vai olhar é esse costume essas práticas elas todas foram moldadas nas tecnologias existentes na época, então se a gente fala por exemplo, porque que vocês valorizam e falam na comunidade sobre a importância do coco, do pilão, dos quintais e que sempre está presente uma ferramenta antiga? porque era a tecnologia da época, agora com o passar do tempo as tecnologias vão mudando, vão se aperfeiçoando, vão avançando mais e a comunidade vai seguindo também, essa linha vai sendo estendida, então, as tecnologias na comunidade em nenhum momento ela se priva de se relacionar com as tecnologias, pelo contrário ela usa as tecnologias atuais para fortalecer a sua linha ancestral, construída encima das tecnologias do passado, então isso é um fator que a meu ver fortalece muito a comunidade. Vejamos alguns exemplos: Hoje a comunidade dona Juscelina realiza os encontros de griôs com jovens, os griôs são as representações das tecnologias do passado e eles passam isso aos jovens, os mesmos jovens que estão ouvindo e que esta absolvendo aquelas informações transmitidas, sobre quem manipulou as tecnologias do passado é o mesmo jovem que manipula as tecnologias do presente, então, e não há atrito, pelo contrário, a partir do momento que ele assimila essas trocas de experiências para si, mais

engajamento ele cria dentro de si, para participar e divulgar a cultura da comunidade. O Quilombo Dona Juscelina tem as redes sociais, tinha um site, porém, está desativado, mas tem um site da comunidade, tem o facebook, Instagram, WhatsApp e olha que interessante o principal meio de comunicação para falar do que vai acontecer na comunidade é através de uma rede social, que é o WhatsApp onde estão lá, presentes, mais de 300 quilombolas ali vão tendo as informações que a comunidade vai repassando. Destacamos ainda que a comunidade está no meio tecnológico desde o início, ela não se distanciou, a partir do momento que ela romper, que ela disser, a partir de hoje o que veio lá de trás não interessa mais, vamos só olhar pra frente, ela vai perder o rumo. Ela vai continuar avançando tecnologicamente, porém, vai esquecer de suas origens e isso não pode acontecer. Outro ponto que merece destaque é sobre a pandemia, como é que foi a pandemia na comunidade? Então, no período da pandemia a comunidade ficou privada de sair de sair de casa, fomos obrigados a nos distanciar das pessoas. A comunidade faz jus a não se distanciar das tecnologias, porque ela usa o recurso que estava disponível na época para se comunicar, para se fazer ser vista, ser lembrada, ser ouvida e transmitir as informações que ela desejava. Para se ter uma ideia, no ápice da pandemia do covid19, dona Juscelina fazia lives e o que nos marcou muito e com certeza foi um marco histórico da comunidade, foi a assembleia da comunidade, nunca vou esquecer. Como é que uma comunidade que se isolou, digo isolou porque ainda há muito aquela ideia que comunidade quilombola é sempre no contexto rural, que está isolado do mundo. E devido a Pandemia estávamos isolados literalmente e através daquele recurso, daquele meio que chegou para nós naquele momento como uma inovação tecnológica e nós poderíamos fazer uso dele para nos comunicarmos e deliberamos sobre as pautas da comunidade que precisava andar, reuniu ali famílias que chegou a mais de 300 pessoas conectadas ao vivo. A comunidade dona Juscelina não se priva de acessar as tecnologias que estão disponíveis, vão chegando os mais velhos que também não se privam, porque tem os mais novos que irão manipular essas tecnologias e as informações vão chegar até os mais velhos por meio dos jovens e do uso que eles fazem dela. Hoje com o grupo do Quilombo nos deixa mais próximos de todos, temos um diálogo com todos, mesmo aqueles que são analfabetos, participam de tudo, não ficam de fora, pois, ao colocar/postar um

recado escrito na sequência vem o áudio e o áudio atinge a todos. Vejamos que interessante, com a tecnologia fomos obrigados a aprender novas formas de comunicação. O estatuto nos diz que os seus membros quilombolas não podem perder o vínculo com a comunidade, então, a comunidade entendeu que esse vínculo se dar através da proximidade, e se ela não acontece fisicamente se dar através da observância da conversa no grupo, então o WhatsApp faz essa ponte. Um exemplo claro são os diversos membros espalhados pelo Brasil, que mesmo distante fisicamente se fazem presentes virtualmente no dia a dia da comunidade. Então assim, é útil é necessário e a comunidade não pode desprezar isso, ela quer que o jovem entenda que isso que tem hoje que é tecnologia que nós conhecemos, que da forma como ela se apresenta hoje é resultado da tecnologia que vem do passado. Há! E podemos destacar também a relação com o Griôs, que apesar da idade eles não ficam de fora, muito pelo contrário, eles são super antenados.

As tecnologias trouxeram uma ressignificação para a comunidade, pois com a evolução das tecnologias todos crescemos e aprendemos e depois do medo do novo, foi-se aprendendo, fomos nos adaptando ao novo, até chegarmos ao ponto de normalizarmos, de fazermos uso delas como algo normal e corriqueiro do nosso dia a dia e esse sem sobra de dúvidas, foi um legado deixado por Dona Juscelina, uma mulher que estava muito à frente do seu tempo.

## ANEXO B

### ENTREVISTA COM A GRIÔ ROSA DÁLIA SILVA SANTOS.

Hoje estou aqui com uma das griôs do nosso Quilombo Dona Juscelina, a senhora Rosa Ddália Silva Santos filha de um dos fundadores da nossa cidade. Dona Rosa a senhora tem internet na sua casa? Sim.

A senhora sabe que tipo de internet que a senhora usa, se é via rádio, ou fibra óptica? Fibra.

A senhora tem celular? Sim

Com que frequência a senhora usa o celular? Não sou de passar o dia com o celular na mão, gosto de assistir alguns vídeos, falar com meus filhos e netos, falar nos grupos da família e ficar vendo as notícias no grupo do quilombo.

Como a senhora se descreve em meio a um mundo totalmente digital e informatizado? Me sinto uma pessoa vivida, mas, mas uma pessoa analfabeta em relação a informática e a certas tecnologias.

A senhora se considera uma pessoa antenada em redes sociais, Facebook, Instagram, WhatsApp? Não, uso mesmo só o WhatsApp.

E assim calculando em tempo, quanto tempo no seu dia a senhora a senhora passa utilizando alguma tecnologia? Em média 30 minutos durante o dia, mais uns 30 minutos a noite e se considerar a televisão ligada, passo mais tempo, não assistindo, porque eu não assisto, mas a televisão fica ligada aí se tem algum programa que eu gosto aí eu assisto.

Qual a utilidade da internet na sua vida? É muito útil para a vida, porque eu sou cercada de pessoas que utiliza a internet, então, ela é útil demais. Apesar de eu não usar tanto, mas, as pessoas ao meu redor usam.

Qual um dos motivos para a senhora mais usar a internet? As vezes para ver um vídeo engraçado, ou vídeo com coisas da igreja, para receber ligações dos meus filhos e netos, saber das notícias da comunidade né.

Na Comunidade Quilombola a qual fazemos parte, a senhora acha importante a comunidade ter acesso a internet? Claro. A comunidade deve está acompanhando a evolução do mundo, não pode ficar para trás. No meu caso eu ainda não, porque tenho dificuldade de entrar nisso aí com a internet, mas todo

mundo precisa, principalmente a Juventude que está aí, as crianças, então, ela precisa sim.

A senhora acha importante que os grãos, os mais velhos também tenham esse acesso à internet? Sim. Tem que ter sim. Eles têm que tá dando exemplos e para eles dar exemplo tem que está em contato com a internet.

Na sua casa quais itens a senhora considera que são itens de uso tecnológico? A televisão, rádio, geladeira é tudo né. Porque se a gente parar para analisar como era a minha vida vamos colocar aí a 60 anos atrás 50 anos atrás, 50 anos atrás não tinha nada disso, até Muricilândia não tinha acesso à energia água encanada, então, de uma forma ou de outra esses itens é tudo tecnologia pura.

A senhora a senhora tem confiança na internet? A ponto de fazer compras utilizar seus dados bancários pelo seu celular? Eu tenho receio, porque eu não sei usar a internet então, eu tenho meus receios, minhas desconfianças.

## ANEXO C

ENTREVISTA KELVIN RICARDO GOMES LIMA – Aluno da 3ª série do Colégio Estadual Marechal Costa e Silva.

Qual o teu nome? Kelvin Ricardo Gomes Lima.

Idade 17 anos.

Onde você estuda? Colégio Estadual Marechal Costa e Silva. Quilombola?

Sim

Em sua casa tem internet? Sim

Qual tipo de internet via rádio fibra? Fibra

Você tem celular? Sim

Com qual frequência que você usa o celular durante o dia? Eu gosto muito de utilizar, quando eu vou trabalhar, para ouvir alguma música, então, boa parte do dia, acho que por volta de 8 horas ao dia.

Mas, você acha essa utilização razoável, pouca? você sente que está usando muito? Sim acho que estou usando muito, excessivamente. Meu corpo em si já dar sinais, cansada por parte do corpo, dor nos olhos e tudo mais.

Como você se descreve em meio a um mundo totalmente digital? Meio que desorientado, porque assim, por mais que eu tenha um total uso da tecnologia ao mesmo tempo eu me sinto muito apegado a ela e tento me desligar, porque a um bom tempo atrás eu não era muito de utilizar esse conforto de ficar mexendo 24 horas.

Então você acha que às vezes acaba sendo prejudicial o uso excessivo da internet? É, meu corpo já está demonstrando isso, estou pesado, estou perdendo um pouco do corpo de antes, porque eu parei de ir praticar exercício por causa das tecnologias.

E por que não utilizar a tecnologia de repente para ajudar a malhar algo que você gosta ou gostava de fazer? É uma boa ideia, eu uso um aplicativo que ajuda a organizar a hora de dormir e ele incentiva a prática esportiva.

No momento você tem esse aplicativo no celular? Sim, pra dormir sim, ele vai ele vai dizer a hora certa pra dormir.

Você se considera uma pessoa antenada nas redes sociais? Não. Quando

se trata de questões de acontecimentos mundiais, ou mesmo aqui por dentro da nossa redondeza não. O uso de WhatsApp, Instagram, Facebook? Instagram sim eu utilizo muito para poder ver acontecimentos mas é muito pouco são poucas horas. Facebook, não gosto muito, WhatsApp uso só para conversas com minha família.

Qual a utilidade da internet na tua vida? Eu uso muito a internet é útil demais na minha vida, ela é bastante útil, é uma forma de eu chegar mais perto dos meus familiares ou seja, de conhecer eles e ter uma ligação mesmo estando distante.

Qual a importância da comunidade quilombola Dona Juscelina ter acesso à internet? É importante demais, a gente ter mais informações e está mais envolvido no dia a dia comunidades, lembro das lives e da dona Juscelina falando nas Lives, quem diria né? E foi muito importante viver isso, porque hoje em dia nós temos esses momentos gravados em vídeos, e que a gente vai poder ver várias e várias vezes e mostrar para as futuras gerações. Então, o celular e a tecnologia ele serve como uma forma de guardar o que você acha importante.

Você acha importante que os griôs tenham acesso à internet ou a outros meios de tecnologias? Bastante. Porque precisamos dessa comunicação com eles, nossa vizinha mesmo é exemplo disso, ela não tem acesso direto as tecnologias e fica muito difícil as vezes falar com ela.

O que te motiva está em uma comunidade tradicional considerada como algo antigo em meio a tantas novidades diárias da internet? O me motiva está em uma comunidade tradicional como a comunidade quilombola dona Juscelina é a cultura que eu gosto demais saber por exemplo das reuniões, das Lives. E para poder passar as devidas informações, é uma das melhores formas de comunicação, é uma forma de juntar a comunidade.

Qual a tua relação com os griôs? minha relação particular com os griôs é muito boa, tenho minha vizinha que eu considero-a bastante. É como se fosse uma segunda mãe para mim porque ela me viu desde criança ela contando histórias muito engraçadas.

Seus pais eles controlam o teu tempo na internet? Bastante, minha mãe fica pegando no meu pé, briga, ela fala que eu tenho que desligar um pouquinho, dar um tempo com a internet. Por exemplo mesmo na hora que eu vou comer, eu tenho o hábito de pegar o celular, coloco meu fone de ouvido e vou assistir filme. As vezes

até comida esfria eu passo mais tempo do que o necessário.

Nas redes sociais você se identifica como quilombola nas suas redes sociais? Sim. Sempre que posso faço postagens relacionados ao Quilombo.

Com o que você mais utiliza o smartphone? Para jogos, só jogos mesmo.

## 7. APÊNDICE

### ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMISTRUTURADA

1. Quem é você?  
Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_  
Onde estuda: \_\_\_\_\_  
Série: \_\_\_\_\_  
Quilombola: \_\_\_\_\_  
Em sua casa tem internet: \_\_\_\_\_  
Que tipo de internet: Via rádio ( ) Fibra Óptica ( )  
Você tem celular: \_\_\_\_\_ (se a resposta for não)  
Você usa o celular de seus pais?  
Com qual frequência: \_\_\_\_\_
2. Como você se descreve em meio a um mundo totalmente digital?
3. Você se considera uma pessoa conectada via redes sociais? Quais?
4. Quantas horas do seu dia, você usa alguma tecnologia digital de Informação e comunicação?
5. Qual a utilidade da internet em sua vida?
6. Na Comunidade Quilombola, qual a importância em ter acesso a internet?
7. Você acha importante que os Griôs tenham acesso à internet ou a outros meios de tecnologias digitais? Por quê?
8. Em sua casa, quais itens você considerada, como itens tecnológicos digitais?
9. O que te motiva estar em uma comunidade considerada algo tão antiga em meio a tantas novidades diárias da internet?
10. Qual sua relação com os Griôs?
11. Seus pais controlam o tempo que você acessa a internet?
12. Seus pais controlam o que você acessa na internet?
13. O que você mais acessa na internet?
14. Seus pais costumam orientar sobre o que você pode acessar ou fazer na internet?
15. Você tem perfil nas redes sociais? Em quais redes sociais? Você se identifica como quilombola em suas redes sociais?
16. O que você mais acessa na internet?